



A ^{25/10} outubro 1972
Liahona

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO

Ezra Taft Benson

Do Conselho dos Doze



A 25/10 outubro 1972
Liahona

Publicação Mensal d'A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Joseph Fielding Smith

Harold B. Lee

N. Eldon Tanner

CONSELHO DOS DOZE

Spencer W. Kimball

Ezra Taft Benson

Mark E. Petersen

Delbert L. Stapley

Marion G. Romney

LeGrand Richards

Hugh B. Brown

Howard W. Hunter

Gordon B. Hinckley

Thomas S. Monson

Boyd K. Packer

Marvin J. Ashton

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO

R. São Tomé, 520 - V. Olímpia

CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675 - 282-5948

EDITOR

Osiris Grobel Cabral

REDATOR

Aldo Francesconi

ESTACA SÃO PAULO

R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE

R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE

Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL

R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE

Nívio Varella Alcover

ESTACA DE CURITIBA

R. Gottlieb Muller, 96, Curitiba, PR

MISSÃO BRASIL CENTRAL

R. Henrique Monteiro, 215

CP 20.809, São Paulo, SP - Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE

Alan Millet

MISSÃO BRASIL SUL

R. Princesa Isabel, 342

CP 1513, Porto Alegre, RS - Tel. 23-0748

CORRESPONDENTE

Mauro G. de Freitas

MISSÃO BRASIL NORTE

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras

CP-2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB - Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE

Alfredo H. Lemos

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP - Tel. 288-4118

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suécio, taitiano e tonganês. Composta pela Lonotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP. Devido à orientação, seguida por esta revista, reservamos-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 15,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,50; exemplar atrasado: Cr\$ 1,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

Tem-se dito, com muita razão, que "a salvação é um caso de família... e que a unidade familiar é a mais importante organização no tempo e eternidade."

A Igreja foi, em grande parte, criada para ajudar a família, e muito depois de ter cumprido sua missão, ainda estará em vigor a ordem patriarcal celeste. É por isto que o Presidente Joseph F. Smith dizia: "Ser pai ou mãe bem sucedidos é muito mais do que ser um general ou estadista de sucesso.", e o Presidente McKay acrescentou: "Quando alguém põe negócios ou prazer acima do lar, no mesmo momento começa a descambar para o enfraquecimento d'alma."

O adversário sabe que "o lar é o lugar melhor e mais eficiente para as crianças aprenderem as lições da vida: Verdade, honra, virtude, auto-controle o valor da educação, o trabalho honesto, e o propósito e privilégio da vida. Nada pode ocupar o lugar do lar na criação e ensino dos filhos, e nenhuma outra vitória pode compensar o fracasso no lar." (Presidente David O. McKay, **Reuniões Familiares 1969-70**, p. III)

Os pais são diretamente responsáveis pela criação correta dos filhos; responsabilidade essa que não é prudente delegar a parentes, amigos, vizinhos, escola, igreja ou estado.

Que Deus nos abençoe para que possamos fortalecer nossa família, evitando os ardilosos desígnios do adversário e seguindo os nobres caminhos do Senhor, de modo que, no tempo devido, possamos comunicar ao nosso Pai Celestial em seu lar celeste que estamos todos juntos ali — pai, mãe, irmã, irmão, todos os que se querem bem. Não restará cadeira alguma vazia, estamos todos de volta ao lar.

NESTE NÚMERO

Mensagem de Inspiração. Ezra Taft Benson

A sua Revista.

Justiça para os Mortos. Pres. Joseph Fielding Smith

As Escrituras... Pres. Marion G. Romney

Dez Centavos de Amor. Ann Romick

Um Jovem Fala aos Pais. Perry Datwyler

Tempo para Tudo. Hebert F. Murray

O Significado do Amor. Clark Swain

Escolhas. Kenneth W. Godfrey

De Um Amigo para Outro. Robert L. Simpson

Amigos da Nova Zelândia. Vicki H. Budge

Samuel, o Lamanita. Mabel Jones Gabbott

Um Índio Jamais Esquece. Mary Pratt Parrish

Isabel da Nova Zelândia. Virginia Sargent

Como Obter e Reter Nosso Testemunho. Robert Simpson

Como Adorar. Pres. Bruce R. McConkie

O Que é Um Mestre. Pres. Paul H. Dunn

Perguntas e Respostas.

John Taylor, o Destemido. Leon Hartshorn

CAPA

Trevor Scuthey capta o belo momento em que uma família compartilha a liberdade de uma gaiivota restabelecida de um ferimento.

A SUA REVISTA

DESTE MÊS

Este mês nosso tema é a família — um dos tópicos mais vitais de todos os tempos. A família é a unidade básica da Igreja; a pedra angular da sociedade. Não admira que a Igreja lhe dê tamanho destaque; a família deve ser eterna; o lar é o lugar onde aprendemos a amar e servir um ao outro e ao nosso Pai Celeste; é o lugar onde principia o melhoramento da sociedade pelo aperfeiçoamento do indivíduo. Compreendendo isto, vemos ser praticamente impossível superestimar a família. Se fracassarmos dentro de nossas famílias, então falharemos no mais importante.

O Senhor nos recomendou que façamos nossa luz brilhar. (Ver Mateus 5:16) E uma das maiores contribuições nossas aos que nos cercam é dar-lhes o exemplo de uma família ideal. O mundo necessita do exemplo de vida familiar correta.

Agora, quanto a alguns artigos deste número —

A mensagem da Primeira Presidência, "Justiça para os Mortos", destaca a natureza eterna do homem, a imensa misericórdia de Deus e o plano de salvação que possibilita a "re-união" das famílias depois da morte.

"Tempo para Tudo" fala de famílias e prioridades. São comentários e conselhos de alguns membros da Igreja, pais ocupadíssimos, com a família. As coisas que nos ocupam e tomam nosso tempo podem variar de um lugar para outro, mas os princípios e prioridades continuam os mesmos.

O amor é essencial para o sucesso da vida familiar, e o artigo de Clark Swain, "O Significado do Amor" apresenta algumas boas idéias que devem interessar a ambos, pais e jovens.

"Escolhas" contém excelente exemplo de como um pai avisado orientou seu filho sem interferir no seu livre-arbítrio.

DO FUTURO

O objetivo básico d'A Liahona é servir aos membros da Igreja. Achamos que a melhor maneira de fazê-lo é publicando matéria que ajude a desenvolver testemunhos, matéria que ensine princípios do Evangelho e ajude os membros a aplicá-los na vida.

Agradar-nos-ia receber seus comentários e sugestões. Informem-nos quais os artigos que mais apreciaram e acharam úteis, e o que gostariam de encontrar no futuro. Procuraremos publicar o maior número possível das cartas recebidas, e responder todas que nos pareçam requerê-lo. E, o mais importante, tentaremos seguir suas sugestões na medida em que se enquadrem nos propósitos para os quais este periódico foi criado. Por favor, enderecem a correspondência a:

A LIAHONA

Caixa Postal, 19079

São Paulo — SP.

Solicitamos também que nos enviem histórias, artigos e poemas para eventual publicação. Deverá ser matéria de caráter inspiracional. Sempre que considerarmos uma contribuição dentro de nossos padrões e havendo espaço, teremos imenso prazer em publicá-la.

Mensagem da Primeira Presidência

JUSTIÇA PARA OS MORTOS

Todo mundo deveria anuir que, visto que o Onipotente governa o universo inteiro por lei imutável, o homem, a maior de todas as suas criações, tem de estar sujeito a tal lei. O Senhor declarou esta verdade concisa e convincentemente numa das revelações à Igreja:

“A todos os reinos se deu uma lei;

“E há muitos reinos; pois não há espaço em que não haja reino; e não há reino em que não haja espaço, ou um reino maior ou menor.

“E a todos reinos é dada uma lei; e a toda lei pertencem certos limites e condições.

“Todos os seres que não se conformam a

essas condições não são justificados.” (D&C 88:36-39)

É uma verdade incontestável. Assim, é simplesmente racional esperar que o reino de Deus seja governado por lei e que todo aquele que nele quiser entrar tem que sujeitar-se a ela. “Eis que minha casa é uma casa de ordem, diz o Senhor, e não de confusão.” (D&C 132:8)

O Senhor deu ao homem um código de leis que chamamos de Evangelho de Jesus Cristo. Devido à carência de inspiração e orientação espiritual, os homens podem divergir em relação a essas leis e sua aplicação; porém, dificilmente haverá contestação quanto ao fato da existência dessas leis, e de que todos os que buscam admissão naquele reino estão sujeitos a elas.

Temos como princípios fundamentais, primeiro, fé em Deus, o Pai, e no Filho e no Espírito Santo; segundo, arrependimento sincero de todos os pecados; terceiro, batismo por imersão para a remissão dos pecados; quarto, imposição das mãos para o dom do Espírito Santo. Ninguém poderá entrar no reino de Deus sem primeiro cumprir todos estes requisitos. É o que o Senhor declarou virtualmente a Nicodemos quando disse: “Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.” (João 3:5)

Todos os que professam crer no Salvador têm que, necessariamente, aceitar que esse

Presidente
Joseph
Fielding
Smith

edito é legítimo e final. No entanto, nos séculos passados e mesmo agora, em muitas das chamadas comunidades cristãs, a falsa aplicação dessa doutrina tem causado graves erros e levado, inadvertidamente, a deploráveis pecados. Refiro-me à doutrina que proclama a condenação eterna, sem possibilidade de escapar dos tormentos do inferno, de todos aqueles que, enquanto na carne, não professaram fé em nosso Senhor, ou não tiveram notícia dele antes que a morte os levasse da terra. Esta falsa concepção de uma verdade evangélica tem sido pregada pelo chamado Cristianismo desde os primórdios de nossa era, sem nunca ter sido parte do Evangelho de Jesus Cristo.

Na **Divina Comédia**, Dante³ retrata a doutrina de danação para todas as almas desafortunadas que morrem sem conhecimento de Cristo, conforme era pregada no século XIII. Segundo o enredo, Dante se extravia na selva, sendo encontrado por Virgílio² que promete mostrar-lhe o inferno e o purgatório, após o que teria uma visão do paraíso. Ele segue Virgílio passando pelo inferno e depois chegam ao limbo, a primeira esfera do inferno, onde estão confinadas as almas dos que viveram virtuosa e honradamente mas que, por não terem sido batizados, merecem punição e jamais farão jus à salvação. Dante olha espantado aquelas almas miseráveis no estrato superior do inferno e vê, como diz a história, "número sem conta, tanto crianças, como homens e mulheres".

Seu guia indaga: "Não perguntas que espíritos são estes que vês?"

Como Dante demonstra desejo de saber, o guia continua: "Saibas tu, antes de irmos mais longe, que eles não pecaram; e, embora tenham mérito, não é suficiente: pois não tiveram batismo, o portal da fé na qual tu crês; e visto terem vivido antes do cristianismo, adoraram a Deus de forma errada; eu próprio sou um deles. Por tal defeito, e não por outra culpa, estamos condenados; e nossa aflição é tão somente, viver desejando sem esperança." (Philo M. Buck Jr., ed., **An Anthology of World Literature**, p. 446. (Trad. livre e aproximada do inglês. N. do T.)

Em resposta à indagação ansiosa de seu hóspede mortal, que deseja saber se algum dos assim punidos já teve o privilégio de livrar-se dessa triste condição de tormento, o poeta-espírito declara que os justos, desde nossos primeiros pais até o tempo de Cristo, que conheceram a Deus, foram exaltados. Mas destes infelizes que nunca souberam de Cristo, diz ele: "Asseguro-te, nenhum espírito da raça humana jamais foi salvo."

Entretanto, não foi Dante o autor dessa falsa e infeliz doutrina. Ela provinha dos primeiros dias de apostasia dos verdadeiros ensinamentos de Jesus Cristo.

O historiador Motley³, em sua obra **Rise of the Dutch Republic**, relata o seguinte incidente

Justiça para os Mortos

como ocorrido por ocasião da introdução do cristianismo na Europa Ocidental. Radbod, chefe de tribo frísia, parecia ter-se convertido e pediu para ser batizado — e naquele tempo entravam na água e eram submersos. Quando já estava dentro da água, aguardando o início da cerimônia, Radbod voltou-se para o sacerdote, Wolfran, e perguntou: “Onde estão meus antepassados agora?” O sacerdote imprudente, com mais zelo que sabedoria, replicou: “No inferno, com todo o resto dos descrentes.” Muito bem, “respondeu o chefe pagão, saindo da água furioso, “então prefiro banquetear-me com eles nas paragens de Vótan⁴ do que definhando com esse seu bando miserável de cristãos no céu.” (Vol. 1, p. 20) Em circunstâncias idênticas, o que teriam respondido?

Que grande lástima que essa mesma espantosa doutrina venha ressoando desde aqueles distantes dias de treva espiritual e tenha vibrado com seu terrível repique de tormento seguidamente nos ouvidos de almas sinceras que buscavam a salvação de entes queridos que já haviam partido. Lembro-me bem da angústia de uma mãe zelosa e amorosa, a quem um sacerdote bem intencionado, porém desavisado, dissera que seu filhinho estava perdido para sempre por não ter sido batizado antes de morrer.

Visitando a casa dessa mulher ela contou-me a seguinte história. Diversos anos antes ela perdera um filhinho, que morreu antes de

ser levado ao ministro para o batismo por aspersão. Os pais procuraram o clérigo para pedir-lhe que oficiasse no funeral e desse ao pequeno um enterro cristão; entretanto, sua humilde solicitação foi solene, mas, não obstante, brutalmente negada. Foi dito aos pais que a criança estava eternamente perdida. Com o coração despedaçado enterraram seu filhinho como se fora um proscrito, sem os ritos da igreja e o tal “enterro cristão”. Como padecia o coração daqueles pais afetuosos; como seus sentimentos estavam traumatizados!

Durante anos essa mãe, acreditando nos ensinamentos daquele sacerdote, suportou suprema agonia mental. Ela sabia que o filho não tinha culpa de não ter sido batizado, estava totalmente inocente. Pois a falha não fora dela? E, segundo a falsa doutrina, não era ela a responsável pelo tormento eterno do filho? Ela se sentia como o assassino arrependido incapaz de restaurar a vida que destruiu, e nessa angústia d'alma ela sofria os tormentos da danação.

Foi um dia feliz em que cheguei à casa daquela mãe atormentada. Ainda agora posso rever o júbilo estampado em seu rosto sofrido, quando expliquei-lhe que tal doutrina é falsa — tão falsa como as profundidades do inferno de onde veio. Disse-lhe que essa doutrina não era de Jesus Cristo, que amava as criancinhas e que afirmara pertencerem elas ao reino dos céus. Li as palavras de Mórmon ao seu filho

**“Todas as crianças
que morrem antes
de atingir a idade
da responsabilidade
são salvas no reino
celestial.”**

(Joseph Smith)

Morôni (Livro de Mórmon — Morôni 8) explicando que o Senhor revelou a Joseph Smith que “todas as crianças que morrem antes de atingir a idade da responsabilidade” — isto é, oito anos — “são salvas no reino celestial.” (**Documentary History of the Church**, vol. 2, p. 381) Sim, neste dia de gloriosa restauração, o Senhor deu a conhecer:

“Todos que morreram sem conhecimento deste Evangelho, e que o teriam aceito se lhes houvera sido permitido demorar-se, serão herdeiros do reino celestial de Deus; também todos os que morrerem de agora em diante sem o conhecerem, e que o teriam aceito de todo o coração, serão herdeiros desse reino, pois eu, o Senhor, julgarei todos os homens de acordo com as suas obras, segundo o desejo de seus corações.” (DHC, vol. 2, p. 380)

O Evangelho de Cristo é o Evangelho de misericórdia, e também de justiça. Tem que ser assim, pois provém de um Deus de misericórdia e não de um monstro cruel, como alguns fanáticos ainda creem e propagam:

“Pelo decreto de Deus, para manifestação de sua glória, certos homens e anjos são predestinados à vida eterna, e outros preordenados para a morte eterna. Esses anjos e homens, assim predestinados e preordenados, estão particular e imutavelmente designados; e seu número é tão certo e definitivo que não pode ser aumentado nem diminuído.”

Não é horrível ver a verdade do Evangelho tão pervertida e profanada até tornar-se tal abominação? A justiça, bem como a misericórdia, intercedem pelos que morreram sem conhecimento do Evangelho. Como seria possível administrar-se justiça se todas as incontáveis multidões que se foram sem conhecer Jesus Cristo devessem ser consignadas, sem apelação, à danação do inferno, mesmo que fosse ao tormento da esfera superior do lugar dos condenados?

Diz a Escritura: “Justiça e juízo são a base do teu trono; misericórdia e verdade vão adiante do teu rosto.” (Salmos 89:14)

A misericórdia e o amor de um Deus justo se estendem a todos os seus filhos. Na restauração do Evangelho através do Profeta Joseph Smith, o Senhor reiterou sua proclamação de salvação para os mortos, declarando:

“... Regozijem-se vossos corações, e sede muito alegres. Prorrompa a terra em canto. Que os mortos se expressem em hinos de eterno louvor ao Rei Emanuel, o qual, desde antes da fundação do mundo, ordenou aquilo que nos permitiria redimi-los de sua prisão; pois os encarcerados terão a liberdade.” (D&C 128:22)

1. Dante Alighieri (1265-1321) — Poeta e escritor italiano.
2. Virgílio (Publius Virgilus Maro) (70-19 A.C.) — Poeta latino nascido perto de Mântua.
3. John Lonthrop Motley (1814-1877) — Historiador e diplomata americano.
4. Vótan — Deidade mitológica.

As Escrituras Em Face da Estabilidade Familiar

Pres. Marion G. Romney da Primeira Presidência

No fundo dos males fatais da sociedade está a instabilidade familiar. Em vista disto e da profunda preocupação que me causa, gostaria de expor como as Escrituras se relacionam com a estabilidade da família.

Talvez um rápido exemplo seria dizer que as Escrituras se relacionam com a estabilidade familiar mais ou menos como as plantas e especificações de um projeto se relacionam com o prédio.

No quarteirão a leste da Praça do Templo estamos construindo um edifício de muitos andares. Antes de se remover a primeira pá de terra para iniciar os alicerces, cada detalhe da estrutura, do subsolo ao pináculo da torre, foi calculado, planejado e projetado no papel. Foram anotadas por escrito especificações detalhadas de todos os requisitos de execução e material. Lembro-me ainda com que cuidado se estudou o tipo e quantidade do aço necessário para a estrutura resistir à pressão do vento e eventuais abalos sísmicos. Os planos e especificações foram apresentados e estudados pelas firmas empreiteiras ao concorrerem à contratação da obra, e agora, na construção, tais planos estão sendo meticulosamente seguidos.

As Escrituras nos ensinam que o

próprio Senhor, antes de criar a terra, planejou minuciosamente todas as coisas a ela pertinentes.

"... Eu, o Senhor Deus, fiz o céu e a terra.

"E toda planta do campo antes de estar na terra, e toda erva do campo antes do seu crescimento; porque Eu, o Senhor Deus, criei espiritualmente todas as coisas de que falei, antes que elas fossem naturais sobre a face da terra..." (Moisés 3:4-5)

Bem, as famílias são infinitamente mais valiosas do que qualquer construção. Têm mais valor que a própria terra. O Senhor falou que todas as suas criações, inclusive a terra, foram destinadas a ajudá-lo em sua obra maior de "proporcionar a imortalidade e vida eterna ao homem". (Moisés 1:39) Revelou, ainda, que nenhum homem pode ganhar a vida eterna a não ser como membro de uma família estável e permanente. Assim sendo, é inconcebível que Deus não tivesse um plano e especificação da família, sua mais preciosa e duradora criação. De fato, esse plano e especificações existem. Ambos são expostos nas Escrituras.

Entender e obedecer os planos e especificações divinos concernentes à família é tão essencial para a edificação de famílias estáveis como o é no caso da construção de edifícios

e formação de planetas. A falta de compreensão e obediência aos planos e especificações de Deus para a edificação de famílias é responsável, em grande parte, pela instabilidade familiar na sociedade moderna.

As Escrituras nos revelam o fato de que a família é uma instituição divina, e não humana. Elas deixam claro que Deus é o Pai literal de uma grande família composta de todos os habitantes da terra; que os espíritos humanos são filhos e filhas gerados por Deus; que a sua obra e glória é levá-los a alcançar a perfeição e exaltação que ele próprio desfrutava. As Escrituras explicam que para poderem chegar a tal perfeição, precisavam obter corpos físicos de carne e ossos e depois passar por uma provação mortal.

O plano de Deus para a consecução desse objetivo previa que seus filhos espirituais fossem revestidos de corpos mortais e depois unidos como marido e mulher pelo poder do seu santo Sacerdócio; que os assim casados estariam, enquanto na mortalidade, sob o divino convênio de se multiplicarem e encherem a terra — isto é, fornecerem corpos mortais para outros filhos espirituais de Deus, ajudando-o assim a proporcionar-lhes a vida eterna.

O plano estipula que esse vínculo



matrimonial persistirá na eternidade e marido e mulher continuarão progredindo até eventualmente alcançarem a perfeição e também se tornarem pais de filhos espirituais.

Foi este o plano do Senhor para a constituição da família antes que se lançassem os fundamentos da terra.

Para a concretização desse grande plano, "criou Deus o homem à sua imagem... macho e fêmea... (Gên.

1:27), não apenas na forma, mas unindo-os — segundo seu próprio estado matrimonial — em santo vínculo conjugal eterno como marido e mulher. Em seguida, ordenou-lhes: "Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra," (Gên. 1:28)

O conceito de que o matrimônio é costume social de autoria do homem, que pode ser descartado à vontade, provém do maligno. O casamento não é somente ordenado por

Deus; seu plano estipula que seja permanente, requisito imprescindível para a constituição de famílias estáveis. Quando os fariseus foram a Jesus e lhe perguntaram: "É lícito ao homem repudiar sua mulher?... ele respondendo, disse-lhes: Que vos mandou Moisés?"

"E eles disseram: Moisés permitiu escrever carta de divórcio, e repudiar.

"E Jesus, respondendo, disse-lhes: Pela dureza de vossos corações vos deixou escrito esse mandamento;

Porém, desde o princípio da criação, Deus os fez macho e fêmea.

"Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unirá-se a sua mulher.

"E serão os dois uma só carne: e assim já não serão dois, mas uma só carne.

"Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem.

"E (depois) em casa tornaram os discípulos a interrogá-lo acerca disto mesmo.

"E ele lhes disse: Qualquer que deixar sua mulher e casar com outra, adultera contra ela.

"E se a mulher deixar a seu marido, e casar com outro, adultera." (Marcos 10:2-12)

Fossem seguidos os ensinamentos de Jesus conforme estão nas Escri-

As Escrituras em Face da Estabilidade Familiar

turas, o casamento honroso seria o objetivo de todo homem e não haveria divórcio. Com isto estaria eliminada uma das principais causas da instabilidade familiar.

Existem muitas Escrituras adicionais além do que Jesus ensinou a respeito do casamento e divórcio. Paulo, por exemplo, escreveu aos coríntios que “nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão, no Senhor”. (I Cor. 11:11)

Algumas coisas ditas por Paulo a respeito do casamento são, segundo Pedro, um pouco “difíceis de entender” (II Pedro 3:16); entretanto, no que concerne à separação de marido e mulher, ele fala claro e com ênfase. Tendo sido orientado pelo Senhor, diz ele: “

... aos casados, mando, não eu mas o Senhor, que a mulher não se aparte do marido.

“Se porém, se apartar, que fique sem casar, ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher.” (I Cor. 7:10-11)

As declarações dos profetas modernos quanto à questão de casamento e divórcio concordam plenamente com as Escrituras bíblicas.

No tocante ao casamento o Profeta Joseph Smith recebeu a seguinte revelação:

“... em verdade vos digo, que todo

o que proíbe o casamento não é ordenado de Deus, pois o casamento é ordenado por Deus para os homens.” (D&C 49:15)

O Presidente Brigham Young é citado como tendo dito no dia 6 de abril de 1845:

“Falo-vos a verdade como é no seio da eternidade; e digo-o a todo homem sobre a face da terra; se deseja ser salvo, não poderá sê-lo sem uma mulher ao seu lado.” (*Times and Seasons*, vol. 6, p. 955)

Segue uma citação do Presidente Joseph F. Smith, pai do Presidente Joseph Fielding Smith:

“Gostaria... que os jovens de Sião reconhecessem que a instituição do casamento não é uma coisa feita pelo homem; é de Deus. É nobre, e nenhum homem que está em idade de casar, vive a sua religião se permanecer solteiro... O casamento é o preservador da raça humana. Sem ele, os propósitos de Deus seriam frustrados; a virtude seria destruída para dar lugar ao vício e corrupção, e a terra se tornaria inútil e vazia.” (*A Doutrina do Evangelho*, vol. 2, p. 2)

Como já dissemos ao considerar o supremo plano do Senhor, seu propósito ao instituir o casamento permanente foi a propagação do homem:



trazer os filhos espirituais de Deus à vida mortal. As Escrituras são tão taxativas neste ponto quanto a respeito do casamento e divórcio.

“Portanto, é legítimo que o homem tenha uma esposa, e os dois serão uma só carne, isto tudo para que a terra cumpra o fim da sua criação;

“E para que se encha com a medida do homem, de acordo com a sua criação já antes da formação do mundo.” (D&C 49:16-17)

Noutra passagem o Senhor diz que as mulheres são dadas aos homens “para multiplicar e encher a terra, de acordo com o meu mandamento, e para cumprir a promessa feita por meu Pai antes da fundação do mundo, e para a sua exaltação nos mundos eternos, para que dêem à luz as almas dos homens; pois nisso se perpetua a obra do meu Pai, para que seja glorificado.” (D&C 132:63)



Não encontro Escritura mais profunda e gloriosa que esta, que decla-

ra como sendo o propósito do casamento — primeiro, para que a terra “se encha com a medida do homem, de acordo com a sua criação já antes da formação do mundo”, perpetuando assim a obra do Pai “Para que seja glorificado”; e segundo, para que o homem possa obter “exaltação nos mundos eternos” segundo o prometido pelo “Pai antes da fundação do mundo”.

Tendo em mente este conceito divino de casamento, divórcio e geração de filhos, torna-se fácil entender as declarações dos profetas modernos que seguem:

Do Presidente Brigham Young:

“Existindo multidões de espíritos puros e santos aguardando tabernáculos carnavais, qual é o nosso dever? — Preparar-lhes tabernáculos; seguir um rumo que não impelirá esses onde serão instruídos em iniquidade, espíritos para famílias de iníquos, libertinagem e toda espécie de crimes. É o dever de todo homem e mulher justos preparar tabernáculos para o maior número possível de espíritos.” (*Discourses of Brigham Young* /Deseret Book Co., 1943/ p. 197)

Com respeito ao controle de natalidade, disse o Presidente Joseph F. Smith, em 1917:

“Eu lastimo, e acho que é uma

desgraça, que exista o sentimento ou o desejo entre alguns membros da Igreja de controlar, ou seja, de diminuir o nascimento de filhos. Acho que isso é um crime onde quer que ocorra, principalmente quando marido e esposa têm saúde e vigor, e estão livres de impurezas que seriam transmitidas à sua posteridade. Acredito que se as pessoas tentam controlar ou mesmo impedir o nascimento de filhos, colherão grandes desapontamentos mais tarde. Não hesito em dizer que creio que essa prática pecaminosa é um dos maiores crimes do mundo atualmente. (*A Doutrina do Evangelho*, vol. 2, p. 11)

Sobre o mesmo assunto, pronunciou-se recentemente a Primeira Presidência, como segue:

“A questão das leis propostas sobre aborto e esterilização mereceu cuidadosa consideração de nossa parte. Somos contrários a qualquer modificação, ampliação ou liberalização nessas questões vitais.” (Carta aos presidentes de estaca do estado de Washington, de 27 de outubro de 1970)

Seguem-se exemplos de numerosas outras Escrituras intimamente relacionadas com a estabilidade familiar:

“Instrui ao menino no caminho em que deve andar; e até quando enve-

As Escrituras em Face da Estabilidade Familiar

lhecer não se desviará dele.” (Prv. 22:6)

“E vós pais, não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor.” (Efésios 6:4)

O Rei Benjamim admoesta os pais dizendo: “Não permitireis que vossos filhos andem famintos ou desnudos, nem que transgridam as leis de Deus, e briguem e disputem entre si e sirvam ao diabo...”

“Mas ensiná-los-eis a andar pelos caminhos da verdade e da moderação... a se amarem mutuamente e a servirem uns aos outros.” (Mosíah 4:14-15)

“No fundo dos males fatais está a instabilidade familiar.

“E novamente, se em Sião ou em qualquer de suas estacas organizadas, houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade, sobre a cabeça dos pais seja o pecado.

“E eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor.” (D&C 68: 25, 28)

“Mas vos mandei que criásseis os vossos filhos em luz e verdade.

“Mas em verdade te digo, meu servo Frederick G. Williams, tu tens continuado sob esta condenação;

“Não tens ensinado luz e verdade aos teus filhos, de acordo com os mandamentos; e aquele ser perverso tem ainda poder sobre ti, e esta é a causa da tua aflição.

“E agora um mandamento te dou — se quiseres te livrar dela, deverás por em ordem a tua própria casa, pois há muitas coisas que não estão certas na tua casa,” (D&C 93: 40-43)

Agora a obrigação dos filhos para com seus pais:

“Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo.

“Honra a teu pai e a tua mãe...”

“Para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra.” (Efésios 6: 1-3)

E do casal, um para com o outro:

“Vós mulheres, estai sujeitas a vossos próprios maridos, como convém no Senhor.

“Vós maridos, amai a vossas mulheres, e não vos irriteis contra elas.” (Col. 3: 18-19)

A observância dessas Escrituras



contribuirá em muito para a estabilidade familiar.

Gostaria de chamar atenção para algumas instruções escriturísticas sobre mais um assunto, o da oração.



Não me recordo de outro tópico abordado mais amiúde nas Escrituras, nem de qualquer outra prática mais benéfica para a promoção da estabilidade familiar.

A primeira comunicação conhecida entre o homem mortal e Deus resultou da oração. Dizem os anais que, algum tempo depois de terem sido expulsos do Paraíso, Adão e Eva, sua mulher, invocaram o nome do Senhor, e eles ouviram a sua voz na direção do Jardim do Éden, falando-lhes...

"Ele deu-lhes mandamentos que para que orassem, registrado no capítulo trinta e quatro de Alma, cito o seguinte:

"Clamai a ele em vossas casas e rogai pelos vossos, tanto de manhã como ao meio-dia e à tarde.

"Mas isso não é tudo; é necessário que descerreis vossas almas a Deus, em vossas alcovas, em vossos lugares secretos e em vossos campos.

Sim, e quando não clameis ao adorassem ao Senhor, seu Deus..." (Moisés 5: 4-5)

Desde então até os nossos dias, as Escrituras vêm-nos admoestando seguidamente a orar. O salmista cantava:

"Mas eu invocarei a Deus, e o Senhor me salvará:

"De tarde e de manhã e ao meio-dia orarei; e clamarei e ele ouvirá a minha voz." (Salmos 55: 16-17)

Do apelo clássico de Amuleque

Senhor, deixai que se encham vossos corações de constantes e fervorosas orações pelo vosso bem-estar, assim como pelo de todos os que vos rodeiam." (Alma 34: 21, 26-27)

Jesus orava sozinho, orava com os discípulos, orava por eles. Ele mandou que orassem e mostrou-lhes como fazê-lo.

A primeira visão do Profeta, a visão que deu início a esta derradeira dispensação, veio em resposta a uma oração.

Dois anos antes da organização da Igreja, o Senhor deu esta instrução: "Ora sempre, para que possas sair vencedor; sim, para que possas vencer Satanás e escapar das mãos dos servos de Satanás, que apoiam o seu trabalho." (D&C 10:5)

Por ocasião do estabelecimento da Igreja, o Senhor instruiu o Sacerdócio a "visitar a casa de cada membro, exortando-o a... cumprir todas as obrigações da família." O primeiro dever especificado foi "orar em voz alta e a sós." (D&C 20: 47)

Sim, Deus tem um plano para garantir a estabilidade familiar, e tal plano está revelado nas Escrituras. Que o Senhor nos ajude a todos a aplicar esse plano, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.



Dez Centavos de Amor

-Se eu tivesse dez centavos compraria uma daquelas flores, — sua voz soou orgulhosa, os olhos cintilando de satisfação, porque estava no primeiro ano e já sabia ler. Bem, alguma coisa, pelo menos. A tabuleta des-cuidadamente marcada e presa acima da cesta dava o preço de dez centavos por unidade e era justamente o que conseguira ler — 10 centavos.

— O que você faria com a flor depois de comprada? — perguntei fitando seu rostinho enquanto formulava um plano.

— Ora, botaria no meu quarto, — retrucou com firmeza, o tom de voz positivo sugerindo admiração por eu ter perguntado coisa assim tão óbvia.

— Está bem, — disse eu, vasculhando minha carteira. — Melhor do que chiclete de bola.

Dei-lhe a moedinha que imediatamente largou em cima do balcão. Em troca — devidamente embrulhada —

Ann Romick

o balconista entregou-lhe uma florzinha de plástico rosa encabeçando uma absurda haste de arame. Refleti sobre a escolha — rosa pálido — para o seu quarto decorado em branco e vermelho, mas depois lembrei-me de que garotinhos dessa idade geralmente pouco se importam com combinação de cores.

Conversamos aereamente a caminho do carro, eu carregando um cartucho de mantimentos e ele segurando cuidadosamente a haste de arame envolta num saquinho de papel pardo. A corola um tanto pesada sobressaía um bom pedaço do envoltório, balançando alegremente ao compasso do seu andar.

— Eu podia dar p'ra Julinha no aniversário.

— Dar o que? — perguntei distraída.

— A flor, — retrucou um tantinho aborrecido de que eu já tivesse esquecido sua compra especial.

— Depois, — prosseguiu, — é cor de rosa e combinaria bem com o quarto dela. Quem sabe até iria botá-la na penteadeira.

— É, seria um bom presente, mas o aniversário dela ainda demora a chegar.

Julinha é sua irmã maior, de dezes-

sete anos e muito bonitinha. Às vezes está muitíssimo ocupada, mas de vez em quando fica muito, **muito** quieta.

— Então eu podia dar só assim? — indagou, agora que estava finalmente decidido. — Você sabe, só assim, por nada?

— Mas naturalmente, — assegurei depressa, procurando disfarçar a voz embargada. — Na verdade é o melhor presente que existe, aquele que se dá assim sem motivo especial.

Ficamos cochichando e planejando enquanto eu guardava as compras e ele observava Julinha aconchegada calmamente junto ao fogo da lareira.

Finalmente pus-me de joelhos para guardar as últimas latas de conserva na prateleira de baixo do armário. Com os olhos na altura dos meus, perguntou:

— Como vou dar a flor p'ra ela? O que vou dizer?

Estava alvoroçado e ao mesmo tempo tímido; ansioso embora relutante; corajoso e ainda assim com medo.

— Entregue simplesmente, querido, e diga alguma coisa como: "Tome, Julinha, é para você, porque eu gosto muito de você." E então dê-lhe um beijinho.

— Essa não! — Seu braço estendeu-se qual raio com a mão espalmada, como a do guarda fazendo parar o trânsito. — Nada de beijinhos!

Voltou-se ligeiro e foi para a sala esforçando-se por adotar a postura adequada para a ocasião. Mas as comissuras dos lábios ameaçavam um sorriso apesar de todo o seu empenho e os olhos dançavam de animação quando se pôs diante dela, segurando o presente.

Não consegui entender as palavras; foram só para ela, junto com a flor. Mas pude ver. O rosto dela iluminou-se, os lábios melancólicos explodindo num largo sorriso espontâneo. Lançando os braços em torno de seus ombros estreitos, plantou um beijo sonoro na face do irmãozinho. Ela segurava a flor numa das mãos enquanto a outra o abraçava, e fiquei vendo uma florzinha de plástico cor de rosa balançando alegremente na extremidade da sua absurda haste de arame.

A irmã Romick, mãe de cinco filhos, há diversos anos gosta de escrever, mas este é o seu primeiro trabalho publicado. Ela serve como segunda conselheira na Sociedade de Socorro e "aquela" na Ala São Lourenço I, Estaca de San Leandro (Califórnia).

Um Jovem Fala aos Pais

Perry Datwyler

O irmão Datwyler, que se bacharelou na Universidade Estadual de Utah, atualmente está servindo nas Forças Armadas do EE.UU. Cumpriu missão na Ilha de Taiwan (Formosa) de 1966-68, e é membro da Ala Logan X, Estaca Cache Leste (Utah).

Tseng Tzu, filósofo confuciano¹, disse certa vez: "Os antigos, quando desejavam manifestar ilustre virtude em todo o mundo, primeiro colocavam em ordem seus próprios estados. Desejando ordenar devidamente seus estados, primeiro regularizavam sua própria família. Desejando regularizar as próprias famílias, primeiro cultivavam o próprio eu..."

"Só depois de cultivado o próprio eu suas famílias podiam ser regularizadas. A família estando regularizada, só então o estado podia ser bem governado. Os estados sendo bem governados, só então o mundo podia estar em paz."

Estas palavras foram escritas em tempos não muito diferentes dos nossos. A China feudal estava à beira do colapso. Caos político e social, conflitos armados, fome, desespero levavam o coração humano a almejar paz, união, produtividade e ordem.

Tseng Tzu indicou como causa, fonte e estímulo da paz, não condições ambientais, mas as almas individuais. Para os antigos chineses, esse cultivo d'alma advinha do apego a tradições e éticas do passado. Para nós, vem através dos ensinamentos de Jesus Cristo e dos profetas.

Assim, a paz torna-se um estado de espírito que se irradia através de intrincada trama de relacionamentos sociais. Tais relacionamentos são capazes de reforçar e guiar, porém a paz continua, em última análise, como prerrogativa do indivíduo. Um indivíduo em paz consigo mesmo e com Deus, torna-se uma força dinâmica para o mundo ordeiro que quase todos os homens almejam.

O velho sábio chinês afirmava ainda que as famílias são as células fundamentais de um mundo assim. Isto sugere que o relacionamento social e a interação humana compõem a

segundo fase da fórmula para se obter um mundo melhor.

O pai, figura central da célula familiar, ocupa posição estratégica. Como observou o psicólogo Erich Fromm², o pai representa "o mundo de idéias, de coisas feitas pelo homem, de lei e ordem, de disciplina, de viagem e aventura. Pai é aquele que ensina a criança, que lhe indica o caminho para o mundo."

Por conseguinte, o que os pais, em conjunto, lhe ensinam por meio de seu relacionamento, é de primordial importância no desenvolvimento da criança.

Poucos entre nós ocupam posições tão privilegiadas que lhes facultem a possibilidade de alterar a história da humanidade. Entretanto, a maioria de nós está em posição de alterar o relacionamento familiar, e todos nós podemos modificar o próprio eu.

Os pais que cultivam sua própria espiritualidade, humanitarismo, paz interior não têm como evitar influenciar, os que os cercam. Cultivar o próprio eu e ajudar outros nesse empenho é talvez nosso supremo desafio. Os pais que conseguem tal êxito merecem todas as honras possíveis, pois como disse o sábio chinês, é o fundamento de tudo o mais.

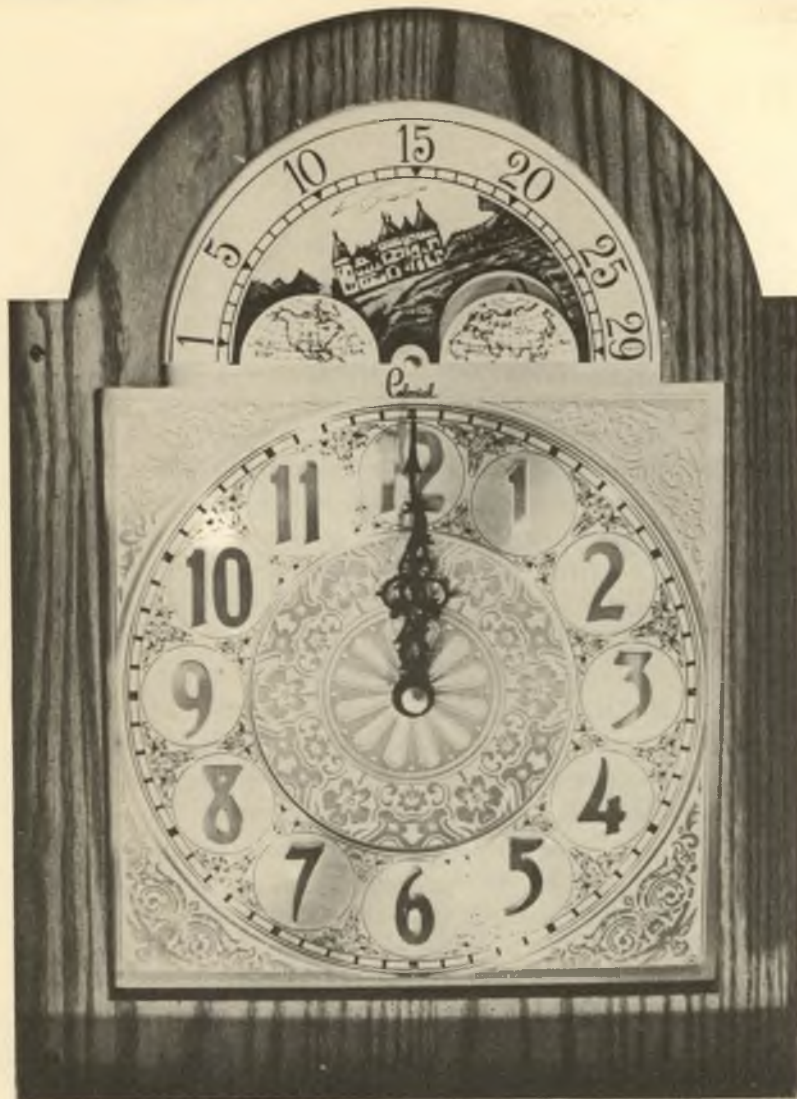
O que a juventude procura nos pais? Em primeiro lugar, autenticidade. Talvez a maior coisa que um pai poderá fazer é tornar-se uma pessoa genuína, culta, humana.

E como chegar a ser um pai assim? Como em qualquer outro empreendimento, também na paternidade o êxito provém de disciplina, paciência, concentração e interesse.

Pessoas que conseguiram tornar-se seres cultos e compassivos, podem fazer mais pela modificação do mundo e em prol da humanidade do que todos os líderes do mundo. A paz começa no coração dos homens. Estar em paz consigo mesmo e com Deus já é uma realização marcante, mas ajudar os outros, particularmente os próprios filhos, a alcançarem o mesmo fim, é a base da verdadeira grandeza.

1 Confucionismo — antiga filosofia chinesa que destaca a virtude pessoal, devotamento à família e à justiça.

2 Erich Fromm — Psicanalista americano de origem germânica, nascido em 1900.



TEMPO PARA TUDO

Herbert F. Murray

“O homem tem **responsabilidade** para consigo mesmo. Tem responsabilidade para com sua família. Tem responsabilidade para com a Igreja, e responsabilidade para com sua profissão. A fim de levar uma vida equilibrada, precisa tentar encontrar um meio de servir em cada uma dessas áreas.”

São palavras do Presidente Harold B. Lee, presidente d'a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Como é possível um santo dos últimos dias servir satisfatoriamente sua Igreja, ter êxito em sua profissão, prestar serviços à comunidade, e ao mesmo tempo dedicar adequada porção de tempo e energia à sua família? Muitos membros da Igreja enfrentam o desafio de organizar seu tempo e recursos de modo a poder fazer as muitas coisas que desejam.

A Igreja precisa de gente que acredita em realização temporal e espiritual, que acredita ser possível realizar grandes coisas no reino, aqui na terra e na eternidade, e que esteja tão convicta disto que põe mãos à obra. É esse tipo de gente quem contribui para o

progresso da Igreja. Porém, até mesmo gente com grande soma de energia necessita equilibrar devidamente seu tempo e responsabilidades.

Todos nós temos que determinar nossas prioridades. Se conseguirmos dispor as coisas que planejamos fazer por ordem de importância, tornar-se-á muito mais fácil tomar decisões.

O dr. Russel M. Nelson, cirurgião cardiologista recentemente nomeado superintendente da Escola Domínical da Igreja, expôs interessante ponto de vista sobre uma vida familiar de sucesso. O irmão Nelson e esposa são pais de nove filhas e um rapaz.

“Um elemento indispensável a qualquer vida familiar realmente bem sucedida é o cultivo do amor entre marido e mulher.

“Nas famílias numerosas, existe a tendência da mãe dedicar-se totalmente ao cuidado dos filhos, e quando isto chega a interferir nas relações do casal, torna-se uma vitória vã, por melhor que tenha sido a criação dos filhos.

“Os filhos vêm e vão,” acrescenta ele. “Partem

em missão, vão estudar fora, casam-se ou saem de casa por uma porção de outras razões, e se se permitiu que no meio-tempo o amor entre os pais esfriasse, o preço a pagar é alto demais. Tal condição pouco promete em termos de eternidade.

"O amor entre marido e mulher é dinâmico, e precisa ser encarado como coisa viva, que cresce. É como um jardim; se negligenciado, logo mostrará sinais de abandono. A par da responsabilidade de criar apropriadamente os filhos e cumprir as obrigações profissionais e na Igreja, temos também o dever de manter vivo e vigoroso o amor conjugal."

O irmão Howard B. Anderson, representante regional dos Doze e pai de quatro filhos, comenta: "Tenho visto homens que, sentindo-se incapazes de arcar com as responsabilidades familiares, usavam o serviço na Igreja como desculpa. Isto me irrita tanto quanto aquele que utiliza seus negócios como pretexto para não cuidar da família e suas responsabilidades eclesiásticas."

Franklin S. Gonzalez, presidente de estaca em Lubbock, Texas, e pai de seis filhos, diz que "qualquer santo dos últimos dias fiel, com cargo de responsabilidade na Igreja, possui junto a Deus um direito assegurado de ajuda especial com respeito à família. Implica, no entanto, que terá de empenhar-se mais em ser um bom pai."

O Irmão Gonzalez salienta a ordem de importância para cada coisa necessária. "Isto importa em decidir cedo na vida que a profissão **não** é mais importante que a Igreja ou a família dentro dela; pois Igreja e família são realmente uma coisa só. Estamos falando," diz ele "sobre dedicar muito tempo ao serviço da Igreja sem negligenciar nossa família por causa disso. Fazendo reuniões familiares e seguindo o programa do Senhor, estamos de certo modo garantindo tempo para recreação e lazer, para revigoramento e para aprendizado com a família."

LaNeve Kimball, de Provo, Utah, presidente da AMM-Moças, dona-de-casa e mãe de doze filhos, afirma: "Quero estar presente quando meus filhos chegam em casa para que possam contar-me imediatamente as coi-

sas que desejam. A atitude é mais importante do que horários. O Senhor nos ajuda todos os dias quando pedimos orientação; nós nunca iniciamos o dia sem um pedido pessoal de ajuda e orientação."

A irmã Kimball acrescenta: "A noite de reunião familiar é inestimável. É uma bênção enorme sermos santos dos últimos dias e termos um profeta para nos guiar nesses assuntos. Lembro-me de uma passagem do Livro de Mórmon na qual somos admoestados a buscar primeiro o reino de Deus. (Ver Jacó 2:18) É por isto que necessitamos do Evangelho para nos guiar no desenvolvimento do senso de valores."

Comentando o valor das reuniões familiares, a irmã Ruth Grover, de Evanston, Illinois, presidente da Sociedade de Socorro, dona-de-casa e mãe de dois filhos, recorda sua experiência ao falar sobre a Igreja na **Northwestern University**. Após a palestra, o interesse centralizou-se no livro de reuniões familiares que havia exposto. "O mundo anseia por esse programa verdadeiramente inspirado", diz ela.

W. Paul Hyde, bispo e diretor de instituto em Vancouver, Colúmbia Britânica, e pai de três filhos, refere-se à mulher como centro do lar. "Quando o pai fica um tanto limitado quanto ao tempo disponível para a família, em virtude de suas responsabilidades profissionais e eclesiásticas, ela consegue prover em grande parte as necessidades dos filhos com sua atitude.

"Houve ocasiões em que, sendo obrigados a sair, uma das crianças reclamava: 'Ó, papai, você tem que sair outra vez?', e minha mulher então dizia: 'Então não estamos contentes que papai foi escolhido por nosso Pai Celestial para ajudar a construir seu reino?' É tão animador quando saio de casa com tal sentimento espiritual em lugar de reclamações."

É de extrema importância haver união e cooperação entre os pais, particularmente na disciplina dos filhos e solução dos problemas familiares cotidianos.

Ao estabelecermos nossas prioridades e decidirmos como utilizaremos nosso tempo e recursos, é importante não esquecermos a conhecida frase do Presidente McKay: "Nenhum outro sucesso pode compensar o fracasso no lar."

O SIGNIFICADO DO AMOR

Clark Swain



Desde o alvorecer dos séculos, poemas têm sido escritos, músicas compostas, píncaros escalados, e batalhas travadas, por causa do amor. Até mesmo mortes e suicídios foram cometidos em nome do amor.

Mas nem sempre encaramos o amor de forma correta. Uma das atitudes falsas e irracionais é considerar o amor como sentimento meramente místico, uma força misteriosa que assume a direção; quando surge, ficamos impotentes, incapazes de dominá-la. Inclina-mo-nos a pensar que pode sumir tão misteriosamente como apareceu e que não há como impedi-lo.

Meses atrás fui procurado por uma senhora em busca de conselho. Explicou-me que deixara de amar o marido e se apaixonara por outro homem; ela e este homem estavam pensando em divorciar-se dos res-

pectivos cônjuges para poderem casar. Ambos tinham diversos filhos — dez ao todo — e ainda assim planejavam desistir das crianças e companheiros conjugais porque haviam-se enamorado um do outro. Aquela senhora achava ser incapaz de aprender a amar novamente o marido, exatamente como não tinha forças para deixar de amar o outro homem.

Outro indivíduo que veio consultar-me, contou-me que estava pensando em divorciar-se da esposa porque, dizia ele: "Acho que deixei de amá-la", como se fosse coisa impossível fazer alguma coisa a respeito disto. Pessoas assim precisam aprender o verdadeiro significado do amor. Temos que considerar o amor como um meio de tratar outras pessoas, em vez de algo que nos acontece; então começaremos a ter poder sobre nosso amor.

Aqueles que concluem que não existe definição para amor — que

não há como explicá-lo, que é algo incompreensível — são os que o encaram erradamente, que o têm como sentimento místico, uma força misteriosa, uma armadilha em que somos apanhados. Aqueles que consideram o amor como ele realmente é, conseguem defini-lo, explicá-lo, entendê-lo.

Ajuda bastante quando pensamos numa pessoa como sendo amorosa, ou a consideramos como possuidora da capacidade de expressar amor ou carente desta capacidade. Uma das coisas mais importantes de se procurar no companheiro conjugal é sua capacidade de exprimir amor. E ao prepararmo-nos para o casamento, uma das características mais essenciais a incorporar em nosso caráter é a capacidade tanto de dar como de receber amor.

Tal capacidade começa a desenvolver-se na primeira infância, no aconchego carinhoso do braço ma-

terno. É impossível dar-se excesso de amor a um bebê. O bebê que recebe amor insuficiente pode ficar retardado no crescimento físico e desenvolvimento psíquico. Poderá adoecer orgânica e emocionalmente.

Um dos principais motivos para se dar muito amor e carinho à criança é que isto ajuda a desenvolver sua auto-estima apreço, respeito e amor por si própria. E quanto mais estima alguém tem por si mesmo, tanto mais amor é capaz de dar aos outros.

A pessoa egocêntrica não é aquela que ama a si própria; é aquela que tem sentimentos negativos sobre si, que se mostra egocêntrica, sempre pensando em si mesma, tentando vencer as apreensões sobre si mesma. Quem está em luta consigo próprio não tem paz de espírito; está em conflito íntimo. Quando ajudamos a criança a desenvolver amor-próprio, ela provavelmente estará livre de conflitos íntimos e livre para dar carinho e amor aos outros.

A pessoa que ama respeita seu semelhante. Uma parte do respeito ao próximo é não forçá-lo. Eventualmente pode tornar-se necessário um adulto forçar uma criança a fazer alguma coisa contra a vontade; mas, nas relações entre dois adultos, existindo amor não há imposição. Podemos tentar persuadir uma pessoa a entender nosso ponto de vista, ou mesmo tentar convencê-la a fazer alguma coisa que gostaríamos que

fizesse, porém se realmente a amamos jamais poderemos forçá-la.

A pessoa que ama também sabe corresponder. Desde que algumas pessoas possuem maior capacidade de amar do que outras, é razoável concluirmos que certas pessoas têm mais capacidade de corresponder, mas sempre é possível desenvolver essa nossa capacidade. Amar é "empatizar", procurar compreender como a outra pessoa se sente e demonstrar que a entendemos.

A pessoa que ama se preocupa com o bem-estar, progresso e felicidade do ser amado. E não somente se preocupa, mas **faz** algo a respeito, colocando à disposição do ente querido os seus recursos. Amar é dar. É dar de nossas posses materiais, sem dúvida, mas muito mais importante, dar de nosso tempo. Entre os presentes de Natal de certo pai ao filho estava um cartão, dizendo: "Ao meu filho querido: Meu presente durante o ano que vem é uma hora do meu tempo, todos os dias, para você usar como quiser." Não é isto um ato de amor?

No capítulo treze da primeira epístola aos coríntios, Paulo explica o que é o amor. A pessoa que ama é paciente e bondosa. Seu amor é duradouro; ela não sente inveja nem se envaidece dele. Ela desconhece arrogância, orgulho e vaidade; ela é humilde. A pessoa que ama não se porta inconvenientemente; não des-

confia; é sofredora; tudo suporta; não se irrita facilmente. A pessoa que ama não guarda ressentimento; compreende que se o fizesse, a maior prejudicada seria ela própria.

O verdadeiro amor é basicamente idêntico em todas as relações humanas, seja entre avô e avó, um par de recém-casados, ou a mãe e seu filho. Ele inclui cuidado, respeito, correspondência, empatia, interesse, dar, receber, partilhar, perdoar. Notem que os termos usados são palavras de ação. Amar requer ação. A pessoa que diz a outra: "Você matou todo o amor que eu lhe tinha," não conhece a arte de amar, pois nada pode matar o amor; se ele morre, é por suicídio, pois o amor não é uma medida do ser amado, mas daquele que ama. O fato de amar ou não, não deveria depender dos atributos ou conduta da outra pessoa. Pode ser mais fácil amar uma pessoa do que outra, pelo fato de ser mais encantadora, mais agradável ou fisicamente atraente. Contudo, nosso amor não deveria ser determinado pela natureza e comportamento da outra pessoa pois não é um mero sentimento — é a maneira de se tratar uma pessoa.

O Dr. Swain é professor adjunto sobre assuntos de vida conjugal e familiar na Universidade Estadual de Montana, além de conselheiro matrimonial da corte distrital. Serve como líder do Jovens Casais e secretário geral assistente no Sacerdócio Aarônico-Adultos na Ala Bozeman, Estaca Helena.

ESCOLHAS

Kenneth
W. Godfrey



Muitas vezes temos que escolher entre duas coisas boas ou más, duas aparentemente nem boas nem más, em lugar de uma boa e outra má, ou entre branco e preto.

Apanhado entre a determinação da esposa e o livre-arbítrio do filho, chamei-o para dentro e fomos ao quarto dele para uma conversa tranqüila. Por um momento pareceu alarmado, depois tranquilizou-se; depois, quando abordei a questão do jogo e da Primária, voltou a ficar tenso.

Começamos discutindo os compromissos assumidos quando ele entrou nas águas do batismo. Expliquei-lhe que, segundo as Escrituras, ele na verdade havia dito ao Pai Celestial: "Estou pronto a tomar sobre mim o nome do teu Filho, e farei o melhor que conseguir para viver como ele viveu e como deseja que eu viva. Além disso, carregarei o fardo dos meus semelhantes, chorarei com os que se lamentam, e viverei os preceitos da Igreja da melhor forma que sei."

Prosseguindo, declarei que o Pai Celestial nunca nos prometeu que seria fácil, que jamais haveria conflitos, nem decisões difíceis a tomar; mas quanto a nós, de fato dissemos que procuraríamos resolver os problemas da vida como Jesus Cristo o faria. Em seguida, contei-lhe a respeito de renomados desportistas que se haviam recusado a participar de campeonatos mundiais por causa de seus compromissos religiosos, de outros que se negaram a jogar aos domingos, de alguns que desistiram de promissora carreira atlética para

Certa noite, ao retornar do trabalho, minha mulher recebeu-me à porta deixando transparecer em sua expressão a crise que lhe ia na alma. A sós em nosso quarto, ela contou-me depois que nosso segundo filho, que fazia parte do time de futebol americano da escola, tinha uma partida de campeonato programada para o dia seguinte às quatro da tarde.

Bem, às quatro da tarde de terça-

feira minha mulher preside a Primária da nossa ala. Ser presidente da Primária implica em determinadas obrigações, sendo uma destas dar o bom exemplo no tocante ao comprometimento dos filhos.

— E o que David pretende fazer? — perguntei, já sabendo a resposta.

— Jogar, — replicou e prosseguiu com firmeza: — Mas ele simplesmente não pode faltar à Primária; você terá que falar com ele.

trabalhar no campo missionário. Para ser honesto e justo, falei também de outros atletas que, sentindo-se obrigados para com o time, participaram de atividades atléticas em domingos, procurando compensá-lo durante a semana. Em seguida falei:

— Se você quiser aceitar minha sugestão, por que não reflete sobre seu convênio do batismo e ora a respeito do problema? Depois você decide como achar melhor, e mamãe e eu respeitaremos sua decisão.

Ele ficou no quarto durante bastante tempo, e reparei que naquela noite orou mais demoradamente do que de costume antes de deitar. Eu também orei que ele tomasse a decisão acertada, e sua mãe repetiu praticamente a minha prece, pois que ambos sabíamos que no momento nosso garoto era muito mais importante do que o cargo de presidente da Primária ou outra consideração qualquer.

Mal amanhecera quando senti alguém sacudir meu braço. Era David.

— Eu já decidi, — falou.

— E o que você vai fazer?

— Vou ler as Escrituras durante meia hora antes de sair e meia hora depois de chegar em casa, mas vou jogar futebol.

— Está bem, — respondi, quando ele terminou. Desapontados, minha mulher e eu mal trocamos uma palavra.

Ele leu trechos do Novo Testamento, foi jogar, perdeu, e voltou a ler mais outro tanto enquanto sua mãe procurava explicar sua ausência à professora da Primária.

Meses mais tarde, segredou-me:

— Sabe, pai, acho que cometi um erro naquele dia em que fui jogar futebol, e você estava certo. Estou contente que me queria o bastante para deixar-me decidir sozinho, embora sabendo que eu estava errado. Na próxima vez farei a escolha certa.

Mais tarde pensei: O que nosso batismo significa realmente na vida cotidiana? Qual o verdadeiro significado do voto e convênio do Sacerdócio para um portador do Sacerdócio Aarônico? Será que a Igreja e o Sacerdócio são realmente mais importantes que os esportes, bailes e outras formas de recreação? O que deveria ter primazia, a Igreja ou a escola? a Igreja ou os esportes? a Igreja ou meus irmãos? a Igreja ou o lazer?

Ultimamente vim a compreender que somos chamados a fazer escolhas difíceis muito mais frequentemente do que algumas pessoas supõem. Muitas vezes temos que escolher entre duas coisas boas ou entre duas aparentemente nem boas nem más, em lugar de entre uma boa e outra má, ou entre branco e preto. Estou igualmente convencido de que nosso querido Pai nos céus nem sempre nos deu respostas explí-

cas que resolvam todos os nossos problemas; antes, estabeleceu diretrizes que se aplicam a quaisquer dilemas humanos.

Estou certo, também, de que a maneira de se encarar o batismo, ou a concepção que se tem do voto e convênio do Sacerdócio, pode fazer uma diferença enorme na maneira da gente resolver problemas difíceis e, certamente, no valor que se dá ao Sacerdócio e à filiação na Igreja.

De certo modo, o Sacerdócio e a Igreja tornam-se mais significativos quando os fazemos nossos, bem como de Deus e Cristo. E isto conseguiremos participando plenamente e sacrificando-nos pela causa que sabemos ser justa.

O Sacerdócio adquire significado quando abençoamos crianças, distribuimos ou abençoamos o sacramento, ministramos os enfermos, designamos professores, fazemos visitas de mestre familiar. O Presidente Harold B. Lee sugere que é mais significativo quando usamos o Sacerdócio para ajudar os perdidos a reencontrarem seu caminho. Por isto somos admoestados a dar total dedicação e participação, porque é assim que tornamos a Igreja parte de nós.

O Dr. Kenneth W. Godfrey é coordenador divisional de seminários da área de Ogden (Utah), e diretor do Instituto de Religião Weber. Artigos seus têm sido publicados em órgãos da Igreja e outros. Ele serve como sumo-conselheiro na Estaca da Universidade Estadual Weber.

De Um Amigo Para Outro



Robert L. Simpson

A fé das crianças sempre me ajuda a ver quão próximo realmente o Pai Celestial está de nós. As orações infantis também ensinaram-me que nosso Pai não espera que nossas preces sejam sempre longas ou rebuscadas. Minha netinha Lisa não faz orações nem usa palavras grandiloqüentes. Sei, porém, que suas preces são ouvidas e atendidas porque ela tem amor ao Pai Celestial e ele a ama também.

Quando eu tinha seis anos, mamãe levou-me à cerimônia de início de construção da nossa nova capela em Santa Monica, Califórnia. Chegando lá, ela notou que eu carregava a pazinha que costumava levar quando íamos à praia. Eu tinha esperança que me deixassem ajudar na cerimônia de escavação do solo no local de construção da capela.¹ Eles de fato

deixaram-me usar minha pá e minha fé aumentou por ter ajudado a construir uma igreja para o Pai Celestial. Como me senti eufórico! Naquele momento foram plantadas as sementes de serviço a fé no meu coração. Desejo poder reter para sempre aquele mesmo sentimento de fé e desejo de servir dos meus seis anos.

Anos mais tarde, quando se concretizaram meus sonhos infantis de sair em missão, fui designado para a longínqua Nova Zelândia. Foi ali que vim a conhecer o povo maori, que tanto me ensinou com sua simplicidade, sinceridade e profunda fé.

Uma de minhas primeiras designações foi para uma vila maori chamada Judéia, onde os missionários ajudavam na construção de uma pequena capela. Naquele tempo eu tentava aprender o idioma nativo, sendo que diariamente orava

ao Pai Celestial que me ajudasse. Então um dia vi-me subitamente rodeado de crianças da Primária. Minhas orações haviam sido ouvidas; o Pai Celestial inspirara o presidente do ramo a mandar as crianças para que me ajudassem com o idioma maori. Semanas a fio elas me seguiam por toda a parte, tagarelando sem parar. Jamais me esquecerei da primeira lição.

Hei tito tito te ngeru me te whiro

Te Kau peke runga te marama

Ka kata te kuri ki tana mahi pai

Ka oma te rihi me to punu

As palavras soavam melodiosas, mas totalmente sem sentido para o missionário recém-chegado. Julguei estar aprendendo uma antiga canção guerreira maori. Que surpresa a minha quando descobri que elas estavam-me ensinando co-



¹ Costume americano que corresponde ao nosso lançamento da pedra fundamental. N. do T.



nhecida quadrinha infantil inglesa!

Jamais deixarei de ser grato àquelas crianças da Nova Zelândia pelo bem que fizeram ao novo missionário.

Noutra parte da Nova Zelândia os missionários costumavam parar à noite em determinada casa maori onde podiam estar certos de encontrar dormida e onde sabiam estar presente o Espírito do Senhor. Eram onze filhos naquela família, que se revezavam na oração familiar, e sempre pediam sinceramente que algum dia pudessem ir ao templo para serem todos selados para o tempo e a eternidade pelo poder do Sacerdócio. Era uma família tão pobre que parecia impossível economizarem o suficiente para a viagem da mãe, do pai e mais onze filhos até o Templo do Havaí a 8.000 Km de distância. Porém, sua fé era imensa e persistiam em

suas orações. De que forma essa bênção poderia realizar-se?

Nenhum missionário da Nova Zelândia deixou de sentir-se indescritivelmente humilde quando, poucos anos mais tarde, o Presidente David O. McKay anunciou a construção de um novo templo na Nova Zelândia — a menos de oitenta quilômetros da morada desta família maori que provavelmente jamais teria arranjado os meios de ir ao Havaí. Deus encontra caminhos misteriosos para realizar seus milagres. Gente com fé suficiente nunca verá negadas as bênçãos dos céus.

Nossa família jamais esquecerá nossa amiguinha Becky, que nos convidou para fazermos uma reunião familiar em sua casa. Mesmo não sendo membro da Igreja, ela desejava que seu pai participasse de uma reunião familiar. Mais do



que tudo, ela queria que ele viesse a ser membro da Igreja.

O pai disse que teria prazer em nos receber para uma reunião familiar. Foram horas deliciosas. A parte espiritual foi seguida de doces e refresco, algumas brincadeiras e a oração familiar. Quando nos despedíamos, Becky levantou os olhos e perguntou:

— Bispo Simpson, quer-me fazer um favor?

— Naturalmente, o que você quiser.

— Então, por favor, batize o meu paizinho, sim?

Aquele pedido, cheio de esperança e fé infantil, atingiu profundamente o coração do pai, e passaram-se poucas semanas até ser batizado.

Não admira que Jesus tenha dito:

“Se... não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus.” (Mateus 18:3)

Amigos da Nova Zelândia

Vicki H. Budge

Certo dia, um pescador chamado Kupe, seu amigo Ngahue e respectivas famílias, puseram-se ao mar em grandes canoas, partindo de uma terra a que davam o nome de Havaiki. Diz a lenda que iam em perseguição a um polvo gigantesco que costumava roubar-lhes as iscas de pesca. Depois de navegarem por muitas semanas em águas desconhecidas, a mulher de Kupe avistou o que parecia ser um longa e baixa nuvem branca, e pos-se a gritar: "He ao! He ao!" ("Uma nuvem! Uma nuvem!") Kupe chamou a terra avistada de Aotearoa, que quer dizer Terra da Grande Nuvem Branca.

Esta é a lenda maori de como a Nova Zelândia foi descoberta pelos polinésios por volta de 900 A.D. Kupe e seus companheiros não permaneceram em Aotearoa, retornando a Havaiki para anunciar sua descoberta. Perto de 400 anos mais tarde, diversas famílias tripulando sete grandes canoas saíram em busca de Aotearoa para lá se estabelecer.

Muito tempo depois, em 1642, Abel Tasman¹, navegador holandês, descobriu essas ilhas, que batizou de Nieuw Zeeland, e o povo maori. Após a visita do Cap. James Cook² em 1769, as ilhas atraíram muitos colonizadores ingleses. Desde então os maoris e **pakehas** (homens brancos) vivem lado a lado como amigos.

A Nova Zelândia é o país mais isolado do mundo inteiro. Seu vizinho mais próximo, a Austrália, fica a uns dois mil quilômetros de distância.

Na Ilha do Norte encontramos a Gruta do Pirilampo, uma profunda caverna com milhões de pirilampos no teto. Parecem pequeninas lanternas de luz verde-azulada. Para poder vê-los é preciso entrar na caverna de barco. Ao mínimo ruído, os pirilampos apagam suas luzes.

Taumatawhakatangihangakoauauata-mateaturipukakapikimaungahoronukupō-

kaiwhenuakitanatahu é o mais longo nome de um local no mundo. Trata-se do nome maori de uma estância de ovelhas na Ilha do Norte e significa: O cume onde Tamatea, o navegador, tocou flauta para sua amada.

Você Sabia Que

Setenta e cinco por cento das árvores e plantas existentes nas ilhas gêmeas da Nova Zelândia, Ilha do Norte e Ilha do Sul, não são encontradas em nenhum outro lugar do mundo?

Na Nova Zelândia não há cobras terrestres? O quivi, pássaro nativo, põe ovos oito vezes maiores que os da galinha? O macho choca o ovo durante dois meses e meio, e depois protege o filhote até este saber cuidar de si. O quivi é a ave símbolo da Nova Zelândia. O sapo da Ilha Stephen vive exclusivamente na Nova Zelândia? Este sapo não precisa de água e tem apenas 2,5 cm a 3,8 cm de comprimento. Além disso, nunca passa pela fase de girino.

Na Ilha do Sul, os Alpes Meridionais são cobertos de neve eterna?

O mergulhão nativo, linda ave marítima branca do tamanho de um ganso, é notável por seus espetaculares mergulhos de trinta metros? Ele mergulha verticalmente numa velocidade estimada em 140 km quando atinge a água. O impacto do seu corpo na superfície do mar atordoa os peixes a quase dois metros de profundidade.

Ele mergulha até abaixo do peixe, abocanhando sua presa ao subir. É excelente nadador e já foi encontrado a vinte e cinco metros de profundidade?

A Nova Zelândia tem 1.600 Km de comprimento, e nenhum ponto fica a mais de 120 Km do mar?

1 Abel Janszoon Tasman (1603-1659) — Navegador holandês, descobridor da Tasmânia e Nova Zelândia.

2 James Cook (1728-1779) — Navegador britânico, explorador do Pacífico.

SAMUEL, O LAMANITA

Uma História do Livro de Mórmon,
Relatada por Mabel Jones Gabbott
Ilustrada por Arnold Friberg

Samuel, desolado, deu as costas à cidade de Zarahemla. Passara muitos dias entre os nefitas procurando fazê-los reconhecerem seus erros e se arrependessem dos pecados. Mas eles não quiseram ouvir, chegando a expulsá-lo da cidade, e por isso estava prestes a voltar para a sua terra.

Mas então ouviu a voz do Senhor, mandando que fosse novamente a Zarahemla e profetizasse ao povo tudo o que viesse a sentir no coração.

Como o povo não permitiu que entrasse na cidade, procurou um lugar onde pudesse subir na muralha que a cercava e de lá de cima estendeu a mão e bradou em alta voz:

— Eu, Samuel, o lamanita, falo as palavras do Senhor, que foram por ele confiadas ao meu coração.

E depois continuou falando àqueles que pararam para ouvir, dizendo-lhes:

— Eis que vos dou um sinal; depois mais cinco anos se hão de passar, e eis que o Filho de Deus virá, para redimir a todos os os que crerem em seu nome.

E isto vos darei por sinal de sua vinda. Eis que aparecerão grandes luzes no céu, de modo que na noite precedente à sua vinda não haverá escuridão e parecerá aos homens haver um dia, uma noite e outro dia, como se fosse um só dia e não houvesse noite. Vereis o nascer e o por do sol; portanto, sabereis com certeza que terão passado dois dias e uma noite, muito embora não haja escuridão durante a noite; e isto acontecerá na noite antes do seu nascimento. E uma nova estrela aparecerá, tal como nunca vistes antes, e isto também vos servirá de sinal.

E aparecerão muitos sinais e prodígios no céu, tantos que vos deixarão espantados e admirados.

Muita gente acreditou nas palavras de Samuel e pediu para ser batizada, mas, Como Samuel era um lamanita e falava o que o Senhor lhe ordenou — e eram palavras duras por causa da iniquidade dos nefitas — o povo se irritou e queria matá-lo.

Muitos atiraram pedras nele e outros procuravam acertá-lo com flechas enquanto estava em cima da muralha; mas o Espírito do Senhor estava com ele, de modo que não puderam atingi-lo com pedras nem flechas. Os soldados tentaram pegá-lo, mas ele pulou da muralha e fugiu para o seu próprio país, onde começou a pregar e profetizar entre o seu povo.

E nunca mais se ouviu de Samuel entre os nefitas!





Um Índio Jamais Esquece

Mary Pratt Parrish Ilustrada por Virginia Sargent

Era um dia parado de agosto. O sol dardejava, e Tommy e Elija estavam esticados à beira do regato, aproveitando a sombra de um vetusto choupo. Sua tarefa era vigiar as trinta cabeças de gado que pastavam a uns oitocentos metros rio acima.

— Pastorear gado pode ser importante, — observou Tommy, — mas garanto que nada tem de excitante.

Justamente então os animais começaram a mugir e mostrar-se agitados como se algo os assustasse.

— Alguma coisa alarmou os animais, — disse Elija. — Vamos ver o que é.

Os rapazes puseram-se a correr em direção do gado, mas logo estacaram ao verem um pequeno bando de índios se aproximando deles. Não tinham jeito de saber se eram amigos ou não. Mas Tommy sabia que os pioneiros mórmons tinham permissão dos índios **omaha** para acamparem em suas terras durante o inverno e usarem a água e madeira de que precisassem.

Quando os rapazes chegaram mais perto, um índio jovem se adiantou e falou em mau inglês:

— Na noite passada nossos inimigos, os **iowas**, atacaram o nosso acampamento. Todos os homens, exceto o Chefe **Big Head** e eu estavam fora caçando. Os **iowas** roubaram nos-

sos cavalos e toda comida. Feriram muitas mulheres e crianças. O Chefe **Big Head** foi abandonado como morto. Ele morrerá se não for socorrido.

Tommy baixou os olhos para a maca de ramos de salgueiro sobre a qual os índios carregavam seu chefe. O que viu deu-lhe vontade de fechar os olhos.

— Eu vou buscar socorro, — falou.

— Eu vou com você, — acrescentou Elija.

O rapaz índio passou o braço em torno de Elija, a fim de impedi-lo.

— Você fica aqui até rapaz voltar.

Tommy sabia que a segurança de Elija dependia de voltarem depressa, por isso foi correndo quase que todo o caminho de três quilômetros até **Winter Quarters**.

Lá chegando foi diretamente à casa do bispo e contou-lhe o que acontecera.

— Aqueles índios precisam realmente de ajuda, — concluiu, — e além do mais ficaram com Elija para terem certeza de que eu voltaria com alguém.

O Bispo Borley ouviu calmamente; depois pôs o braço ao redor do garoto a fim de confortá-lo enquanto pensava no que fazer.

— Precisamos encontrar Brigham Young, — decidi. — Ele pode estar lá na balsa. Você pegue meu cavalo e vá para lá o mais depressa que puder. Enquanto isso eu vou procurá-lo por aqui.

A balsa ficava a uns vinte quilômetros, e Tommy levou uma hora para chegar lá, encontrando de fato Brigham Young e o informou do acontecido.

— Naturalmente que vamos ajudar os índios, — disse Brigham Young. — Mas no momento nossa preocupação principal deve ser Elija. Volte para lá o mais rápido que puder. Você leva o seu carroção e peça que o Bispo Morley leve o dele. Esses dois deverão bastar para conduzir os feridos graves até **Winter Quarters**. Eu os esperarei na minha casa.

O Bispo Morley estava à espera de Tommy. Sairam imediatamente com os dois carroções em busca de Elija e os índios.

Quando chegaram ao pequeno e triste acampamento, Elija veio correndo e pôs-se a contar as novidades.

— A princípio tiveram medo de que eu fugisse, — contou. — Mas depois que tirei a camisa para molhá-la no regato e refrescar a testa do Chefe **Big Head**, eles viram que podiam confiar em mim.

— Estou tão contente de encontrá-lo bem, — disse Tommy.

O Bispo Morley ajudou o jovem índio a colocar o Chefe **Big Head** no carroção de Tommy, e logo os dois garotos puseram-se a caminho de **Winter Quarters**. Os outros índios gravemente feridos foram postos no carroção do bispo. O resto seguiu-os andando.

O sol estava quase desaparecendo no horizonte quando chegaram à casa de Brigham Young. Este percebeu que o chefe índio precisava de cuidados especiais. Voltou-se então para Tommy dizendo:

— Por favor, vá perguntar à sua mãe se ela não poderia acomodar o Chefe **Big Head** e cuidar dele até ficar bom.

Tommy saiu feito raio. Em poucos minutos estava de volta, acompanhado da mãe que se prontificou:

— Claro que cuidarei dele.



Brigham Young comentou sorrindo:

— Não vai arrepender-se. Um índio jamais esquece um ato de bondade.

As semanas que se seguiram foram de muita ansiedade para Tommy e sua mãe. O chefe índio estava muito mal, necessitando de cuidados constantes. Um dos dois estava sempre ao lado dele, dia e noite. Então um dia, sem mais aquela, o índio se levantou, declarando:

— Chefe **Big Head** bom, precisa ir seu povo.

Na mesma noite partiu levando consigo todos os outros índios que estavam em **Winter Quarters**.

Tempos depois Tommy foi acometido de uma espécie de escorbuto apelidado de cancro negro e estava tão mal que sua mãe temia que não sobrevivesse. Inesperadamente Chefe **Big Head** bateu à porta entregando-lhe um punhado de raiz forte.

— Rale isto e faça chá para menino, — mandou. — Ele ficar bom.

Sem mesmo esperar uma palavra de agradecimento, o índio deu meia volta e desapareceu.

A raiz forte realmente fez bem a Tommy. Depois disso muita gente que sofria do mesmo mal passou a tomar raiz forte como remédio e também ficou curada.

— O Chefe **Big Head** não se esqueceu, não é, mãe? — Tommy comentou um dia.

— É verdade, Tommy, e nós também jamais esqueceremos, — respondeu ela.

Isabel da Nova Zelândia



Virginia Sargent

A LIAHONA

Como Obter e Reter Nosso Testemunho

Joseph Smith era um visionário e sujeito a alucinações. Sua história não merece crédito." Isto foi-me declarado por um dos meus melhores amigos durante o tempo de ginásio.

Esse seu comentário vinha em decorrência de uma conversa anterior durante a qual eu lhe contara detalhadamente a história da primeira visão. Meu amigo documentava sua opinião com uma referência de livro fornecida pelos pais. Ali estava, preto no branco e ainda mais, da biblioteca pública. Certamente não poderia existir fonte mais fidedigna que a biblioteca pública, no conceito de um garoto de treze anos.

Pela primeira vez na minha vida, tudo que me fora ensinado pelas pessoas que eu amava e em quem confiava, estava perigando. Ainda só dois anos antes tudo era tão simples. As professoras eram ótimas e eu aceitava tudo o que diziam sem vacilar. E agora, de repente, tudo o que antes parecia tão seguro e incontestável estava sendo atacado.

Tal momento chega, cedo ou tarde, para todo santo dos últimos dias. Vai-se o tempo da fé infantil e cega confiança na palavra alheia, tendo que ser eventualmente substituída pela convicção pessoal se queremos que sobreviva nossa fé no Evangelho restaurado de Jesus Cristo.

Heber C. Kimball, conselheiro do Presidente Brigham Young, já previa o dia em que a Igreja seria atacada em importantes assuntos sociais e mesmo doutrinas fundamentais. Endereçando suas palavras ao membro individual da Igreja, disse ele:

"... Para poder enfrentar as dificuldades que estão por vir, será necessário que tenhais conhecimento próprio da autenticidade desta obra. As dificuldades serão de tal sorte que o homem ou mulher que não tiver conhecimento ou testemunho próprio cairá... Chegará o tempo em que nenhum homem ou mulher será capaz de resistir com luz alheia. Cada um de vós terá que guiar-se pela luz que tem dentro de si. Se não a tendes, como haveis de resistir?" (Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball* (Bookcrat, 1967), p. 450)

Parece haver atualmente um retorno generalizado a Deus, verdadeira inversão da onda de "Deus está morto" tão em voga poucos anos atrás. Os batismos de adolescentes e adultos jovens têm sido tradicionalmente mais numerosos na Igreja do que de outras faixas etárias. Ultimamente esta tendência se mostra ainda



Robert Simpson

Assistente do Conselho dos Doze

mais acentuada. Em alguns casos os recém-convertidos sabem mais a respeito da Igreja e possuem testemunhos mais fortes do que muitos membros jovens que se criaram na Igreja e parecem não dar muito valor àquilo que deveria ser o mais preponderante fator em sua vida.

Um testemunho firme e inabalável desta grande obra dos últimos dias não é reservado unicamente ao bispado e a um seleto grupo de sumos-sacerdotes da ala. O testemunho da verdade é um dom gratuito de Deus a todo aquele disposto a submeter-se ao processo de desenvolvimento de testemunho. Um rapazote de apenas catorze anos foi escolhido para iniciar esta dispensação por muitas e boas razões: Não tinha idéias preconcebidas. Era educável. Era jovem e confiante. Ainda não se alienara demasiadamente da sua fé de criança, a fé tantas vezes abandonada em troca de uma vida de ceticismo e dúvida. Em minha opinião, a mente e o coração juvenil podem ser um campo sumamente propício para a germinação e enraizamento de um testemunho.

A busca de um testemunho pessoal só começa seriamente quando a pergunta — se a história de Joseph Smith é verdadeira ou não, o Livro de Mórmon é ou não um documento inspirado, ou se a Igreja é realmente dirigida por um profeta — torna-se uma questão vital para a pessoa. Só então a pessoa estará verdadeiramente pronta para a sublime busca de luz e verdade. Porém, a obtenção e preservação de um testemunho requer esforço. Sem um forte desejo, sem estudo, e sem a necessária autodisciplina para viver dignamente, as perguntas serão respondidas.

Meus anos de adolescência não foram muito diferentes dos de muitos jovens que encontro dia a dia e que freqüentemente alegam: "Se ao menos o Senhor me fizesse saber com certeza, então sem dúvida estaria pronto a dedicar toda a minha vida à sua obra." Testemunhos fundamentados apenas em milagres são superficiais, na melhor das hipóteses, e só podem ser perpetuados por outros milagres. Tal não seria considerado o melhor processo eterno para a obtenção de um testemunho que consiga resistir às dificuldades mencionadas por Heber C. Kimball.

Mesmo o Presidente David McKay passou por idêntico processo mental quando adolescente. Ele contava como ajoelhou-se perto de um arbusto em Hunts-



**“Chegará o tempo
em que nenhum
homem ou mulher
será capaz de
resistir com luz alheia.
Cada um de vós
terá que guiar-se pela
luz que tem
dentro de si.”**

Heber C. Kimball

ville, Utah, a fim de certificar-se de uma vez por todas da autenticidade da obra. Passarei a citar suas próprias palavras a respeito do assunto:

“Caí de joelhos e com todo o fervor do meu coração abri minha alma ao Senhor, rogando-lhe um testemunho do Evangelho. Imaginava que haveria alguma manifestação; que receberia certa transformação a qual me livraria de toda e qualquer dúvida.

“Ergui-me, montei no cavalo e, ao seguir caminho, lembro-me de um auto-exame bastante introspectivo e depois, sacudindo involuntariamente a cabeça, dizer a mim mesmo: ‘Não senhor, não houve mudança alguma; sou o mesmo rapaz de antes.’ A esperada manifestação não se dera...”

“Não obstante, aconteceu, mas não da maneira esperada. Houve até mesmo a manifestação do poder de Deus e a presença de seus anjos; mas quando veio, foi uma simples confirmação e não um testemunho.” (*Treasures of Life* /Deseret Book Co., 1962/ pp. 229-30)

Não existem atalhos para a vida eterna com nosso Pai. Conhecimento e testemunho têm que vir “linha sobre linha, preceito sobre preceito”. (D&C 98:12) O

Salvador disse: “Examinai as Escrituras”; depois refere-se à vida eterna da qual as Escrituras falam e conclui: “... são elas que de mim testificam.” (João 5:39)

Um irmão extraordinário a quem muito admiro, particularmente por seu conhecimento das Escrituras, certo dia estava discutindo o Livro de Mórmon. Então alguém perguntou-lhe como é possível chegar-se a tal desembaraço nas Escrituras como o dele.

Sua resposta foi clássica. “Ora, é muito simples. A gente começa pela página um, depois passa para a página dois e assim por diante.” Poucos de nós se dispõem a começar pela primeira página. Torno a repetir, não existem atalhos para a vida eterna. Para aprender os princípios do Evangelho, devemos começar pela página um, depois passar para a página dois, seguindo, assim esperamos, até atingir conhecimento perfeito.

Com referência aos princípios que aprendemos, é preciso lembrar que o Evangelho de Jesus Cristo é invariável. Como todos sabem, o homem sempre procura racionalizar as Escrituras, subordinando-as às razões de conveniência do agora, ou talvez amoldando-as a uma conveniência temporária; porém, diz o Senhor nas revelações modernas: “Examinai estes mandamentos, pois são verdadeiros e fiéis... O que eu, o Senhor, falei, disse e não me escuso”. E conclui com uma observação que deveria servir de guia para todo jovem SUD: “... seja pela minha própria voz, ou pela de meus servos, não importa”. (D&C 1:37-38) Não é confortador saber que temos acesso à direção constante de profetas vivos?

“Jesus lhes respondeu e disse: A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou.

“Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo.” (João 7:16-17)

O missionário, quando chega ao campo de trabalho, somente encontrará alegria e sucesso se decidir mergulhar de cheio, olhando-se da cabeça aos pés. No mundo inteiro a juventude está procurando encontrar “felicidade” de uma ou outra maneira. Recentemente

**“Houve até mesmo
a manifestação do
poder de Deus e a
presença de seus anjos;
mas quando veio,
foi uma simples
confirmação e não
um testemunho.”**

David O. McKay

vi um grupo de estudantes do último ano do ciclo secundário da Califórnia, encontrar felicidade trabalhando num projeto especial lado a lado com alguns empregados semi-incapacitados de uma fábrica das Indústrias Deseret. Um deles comentou: “Jamais voltarei a ser o mesmo.”

Durante as férias de verão, um quorum de diáconos da Austrália decidiu trabalhar voluntariamente na construção da nova capela. Até hoje se referem à nossa construção. Uma classe de Lauréis da Cidade de Lago Salgado escolheu um hospital da vizinhança para serviço voluntário durante o verão. Elas doaram mais de seiscentas horas de trabalho. Numa reunião de testemunhos no final do verão, uma das garotas disse: “Foi como um céu na terra.”

Depois houve aquele comitê da juventude do bispado de Logan, Utah, que decidiu consertar a casa de uma viúva. Um dos moços comentou: “Quando a vi chorar, cheguei à conclusão de que havia finalmente encontrado a chave para a verdadeira felicidade.” Observação de uma das jovens: “Até agora nunca havia compreendido o que meus professores queriam dizer ao falarem da ‘religião pura e imaculada para com Deus...’” (Tiago 1:27)

Há centenas desses exemplos por toda a Igreja, de como jovens pelo mundo afora encontram uma doce confirmação de testemunho pelo dom do Espírito, ao fazerem a **vontade dele**. Apenas instruir-se a respeito não basta. É preciso a gente passar à ação.

“E, quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará a verdade disso pelo poder do Espírito Santo.

“E pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de todas as coisas.” (Morôni 10:4-5)

Esta passagem por si só tem levado mais gente a um testemunho do Livro de Mórmon do que qualquer outra inspiração ou palavras. Jejum e oração foram e são os meios usados por todos os profetas para obter



força espiritual e melhor comunicação com o Pai. Todos eles têm-nos encorajado a fazer o mesmo.

Todo santo dos últimos dias tem que obter um testemunho firme por si mesmo — um conhecimento pessoal de que Jesus é o Cristo e o Filho do Deus vivente; de que Joseph Smith é o profeta por intermédio do qual o Evangelho foi restaurado; e de que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é “a única igreja verdadeira e viva sobre a face da terra...” (D&C 1:30)

Qualquer um pode adquirir esse testemunho seguindo o procedimento estabelecido pelo qual o Senhor o concede. Não existem atalhos. O desejo de saber é imperativo. Conhecer a doutrina é essencial. Fazer a vontade dele santificará esse conhecimento dentro de seu coração. Orar seguidamente abrirá o caminho e tornará possível todas as coisas através dele, pois como disse, “... sem mim nada podeis fazer”. (João 15:5)

Que todos vocês possam apoiar-se em seu próprio testemunho, pois a luz alheia poderá não ser diferente para enfrentarem o futuro.

COMO ADORAR

Presidente Bruce R. McConkie

Do Primeiro Conselho dos Setenta

Pretendo dar alguns conselhos simples e positivos sobre como adorar o Senhor.

Entre todos os aspectos do mundo humano é, nesse, provavelmente, que se cometem mais erros e enganos, e no entanto não existe coisa mais importante do que saber a quem e como adorar.

Quando o Senhor criou os homens e os colocou aqui na terra, "deu-lhes mandamentos, de que deveriam amá-lo e servi-lo, o único Deus vivo e verdadeiro, e que ele deveria ser o único ser a quem deveriam adorar." (D&C 20:19)

Jesus confirmou este mandamento, o mais fundamental de todos, ao dizer: "Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás." (Lucas 4:8). E o brado constante dos profetas de todos os tempos é: "Ó, vinde, adoremos e prostremo-nos, ajoelhemos diante do Senhor que nos criou. Porque ele é o nosso Deus, e nós povo do seu pasto e ovelhas da sua mão." (Salmos 95:6-7)

Como filhos espirituais do Pai Eterno, fomos colocados aqui na terra a fim de sermos provados e testados, para ver se guardamos seus mandamentos e fazemos as coisas que nos qualificarão para voltar à sua presença e ser iguais a ele.

E ele plantou em nosso coração o desejo instintivo de adorar, de buscar a salvação, de amar e servir a um poder ou ser maior do que somos.

Adorar está implícito na própria existência.

A questão não é se o homem deve adorar, mas sim, quem ou o quê deve ser objeto de sua devoção, e como deve fazer para prestar devoção ao seu Altíssimo.

E assim, junto à fonte de Jacó, quando a mulher samaritana lhe diz: "Nossos pais adoraram neste monte; e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar," vemos Jesus respondendo: "Mulher, crê-me, que a hora vem, que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai.

"Vós adorais o que não sabeis; nós sabemos o que adoramos; e a salvação é dos judeus.

"Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adoram. (Pois a tais tem Deus prometido o seu Espírito.)

"E os que o adoram, têm que adorá-lo em espírito e em verdade." (Versão Inspirada, João 4:22-26)

Por isso nosso propósito é adorar o verdadeiro Deus vivente, e fazê-lo pelo poder do Espírito e na maneira por ele ordenada. A aprovada ao verdadeiro Deus conduz à salvação; as devoções prestadas a falsos deuses e que não são fundamentadas na verdade eterna não trazem garantia alguma.

O conhecimento da verdade é

essencial para a legítima adoração. Temos que aprender que Deus é o nosso Pai; que é um personagem perfeito e exaltado a cuja imagem fomos criados; que enviou ao mundo o seu Filho Amado para redimir a humanidade; que a salvação está em Cristo, que é a revelação de Deus ao mundo; e que Cristo e suas leis evangélicas são conhecidas somente por revelação concedida àqueles apóstolos e profetas que o representam aqui na terra.

Não existe salvação na adoração de um falso deus. Não tem a mínima importância quão sinceramente alguém acredita que Deus é um bezerro de ouro, ou que é um poder imaterial, não criado, existente em todas as coisas; a devoção a um ser ou conceito desses não possui poder salvador. Os homens podem crer de toda a alma que imagens ou forças ou leis sejam Deus, porém nenhuma quantidade de devoção a tais conceitos jamais fornecerá o poder que leva à imortalidade e vida eterna.

Se adorar uma vaca ou um crocodilo, o homem poderá ganhar qualquer recompensa que vacas e crocodilos porventura estejam distribuindo.

Se adorar as leis do universo ou as forças da natureza, não há dúvida de que a terra continuará a girar, o sol a brilhar, e a chuva a cair sobre justos e injustos.

Mas, se adorar o verdadeiro Deus vivente, em espírito e em verdade, então o Deus Onipotente derramará sobre ele o seu Espírito, e ele terá poder para levantar os mortos, mover montanhas, ser visitado por anjos e andar nas estradas celestiais.

Agora vejamos como deveríamos prestar nossas devoções àquele que vive e rege e é. A chave da verdadeira adoração está contida numa revelação dada a Joseph Smith em 1833, na qual o Senhor torna a manifestar o testemunho de um discípulo antigo.

Este registro certifica que Cristo "era no princípio" com o Pai; que ele é "o Redentor do mundo", e a luz e vida do homem; que ele "habitou na carne" como "Filho Unigênito do Pai"; que em seu progresso mortal "a princípio ele não recebeu a plenitude, mas continuou de graça em graça", e que, finalmente, na ressurreição, ele recebeu a plenitude da glória do Pai; e recebeu todo o poder, tanto nos céus como na terra, e a glória do Pai estava com ele, pois habitava nele."

Depois o Senhor falou: "E vos dou estas palavras, para que possais compreender e saber como adorar, e saber o que adorais, para que venhais ao Pai em meu nome, e no devido tempo recebais a sua plenitude.

"Pois, se guardardes os meus mandamentos, recebereis a sua ple-

nitude, e sereis glorificados em mim como eu sou no Pai; portanto, vos digo, vós recebereis graça por graça." (D&C 93:7-20)

Em outras palavras, a legítima e perfeita adoração consiste em seguir nos passos do Filho de Deus; consiste em guardar os mandamentos e obedecer a vontade do Pai, a tal ponto que avancemos de graça em graça até sermos glorificados em Cristo como ele o é no Pai. Isto vai muito além de orar e pregar e cantar. É viver e fazer e obedecer. É emular a vida do Supremo Exemplo.

Com tal princípio diante dos olhos, passo agora ilustrar algumas peculiaridades da adoração divina aprazível àquele a quem pertencemos.

Adorar o Senhor é segui-lo, buscar sua face, crer em sua doutrina, e pensar seus pensamentos.

É andar em seus caminhos, ser batizado como o foi Cristo, pregar o Evangelho do reino que saiu de seus lábios, e curar os enfermos e levantar os mortos como ele fez.

Adorar o Senhor é dar primazia às coisas do seu reino em nossa vida, viver de toda palavra que sai da boca de Deus, concentrar todo o nosso coração em Cristo e na salvação que ele nos possibilitou.

É andar na luz como ele na luz está, fazer as coisas que ele quer ver feitas, fazer o que ele faria em iguais circunstâncias, ser como ele é.

Adorar o Senhor é andar no Espí-

rito, elevar-se acima das coisas carnis, refrear as paixões, e vencer o mundo.

É pagar nossos dízimos e ofertas, atuar como mordomos sensatos nas coisas que foram confiadas aos nossos cuidados, e empregar nossos talentos e meios em prol da difusão da verdade e edificação do seu reino.

Adorar o Senhor é ser casado no templo, ter filhos, ensinar-lhes o Evangelho e criá-los em luz e verdade.

É aperfeiçoar a unidade familiar, honrar a nosso pai e nossa mãe; é o homem amar sua mulher de todo o coração e apegar-se a ela e a nenhuma outra. (Ver D&C 42:22)

Adorar o Senhor é visitar os órfãos e as viúvas em sua aflição e guardar-se da corrupção do mundo.

É trabalhar num projeto do bem-estar, administrar aos enfermos, sair em missão, ser mestre familiar e realizar reuniões familiares.

Adorar o Senhor é estudar o Evangelho, entesourar luz e verdade, ponderar no coração as coisas do reino, e torná-las parte da nossa vida.

É orar com todo o vigor de nossa alma, pregar pelo poder do Espírito, cantar hinos de louvor e ação de graças.

Adorar é trabalhar, estar ativamente engajado numa boa causa, tratar dos negócios do nosso Pai, amar e servir nossos semelhantes.

É alimentar os famintos, vestir os despidos, confortar os que choram, amparar as mãos inermes e fortalecer os joelhos débeis.

Adorar o Senhor é defender valentemente a causa da verdade e justiça, fazer sentir nossa influência para o bem nos campos cívico, cultural, educacional e governamental, e apoiar aquelas leis e princípios que promovam os interesses do Senhor na terra.

Adorar o Senhor é ter bom ânimo; ser destemido, ser valente, ter a co-

ragem de nossas convicções vindas de Deus, e manter a fé.

É dez mil vezes dez mil coisas. É guardar os mandamentos de Deus. É viver a lei inteira do Evangelho inteiro.

Adorar o Senhor é ser semelhante a Cristo até que dele recebamos a bendita garantia: "Vós sereis como eu sou."

Esses são princípios justos. E ao ponderá-los em nosso coração, estou certo de que reconheceremos cada vez melhor a sua justiça.

A legítima e perfeita adoração é, na verdade, o supremo labor e propósito do homem. Deus permita que gravemos em nossa alma com letras candentes o mandamento do Senhor Jesus: "Adorarás o Senhor teu Deus, e só a Ele servirás." (Lucas 4:8), e que de fato e com ativa realidade adoremos o Pai em espírito e em verdade, ganhando assim paz nesta vida e vida eterna no mundo vindouro.

Em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

O Que é Um Mestre

Presidente Paul H. Dunn

Do Primeiro Conselho dos Setenta

Aprendemos muita coisa boa nesta grande conferência, caros irmãos, e estive meditando bastante sobre como ensinar e ser bom mestre. Ontem à noite o Élder Marion D. Hanks falou-nos a respeito de seu falecido primo, o irmão Ivan Frame, o qual exerceu profundo impacto sobre a humanidade. Ele mencionou que um dos melhores tributos a ele prestados no seu funeral foi a afirmação de que na vida de todo rapaz deveria haver um irmão Frame.

Tenho pensado sobre isso e agradeço seguidamente a Deus por ter tido uma pessoa assim em minha vida — um velho de setenta e oito anos que fora designado supervisor de seis jovens sacerdotes vivendo os turbulentos anos da adolescência e sendo desafiados pelo futuro. Cha-

mava-se Charles B. Stewart. Seu filho está aqui presente hoje, como presidente do extraordinário Coro do Tabernáculo.

Não sei o que pensavam vocês de um velho de setenta e oito anos quando tinham dezesseis, alguns de nós, porém, questionavam a sabedoria do bispo, achando-o uma réplica literal do velho Moisés.

Lembro-me bem do primeiro dia em que cheguei à nossa classe naquela decrépita sala de cima da Ala Hollywood. Ali estava o bondoso, gentil ancião para dar-me as boas-vindas. Tomou-me a mão como fizera aos outros rapazes e disse:

— Você é filho do Harold Dunn, pois não?

— Sou sim, senhor, — concordei.

Ele então falou um pouco sobre mim, minha família, demonstrando

grande interesse pessoal. Depois disse:

— Paul, um dos requisitos para ser membro desta classe é ter um novo pensamento todos os dias. Você teria um esta manhã?

Bem, acontece que eu não havia tido uma nova idéia há anos e ele, percebendo meu apuro, falou:

— Está bem, vou ensinar-lhe um. Escute com atenção. "A atenção é mãe da memória." Agora repita.

Eu tentei e finalmente consegui. Então permitiu-me entrar.

Tivemos uma aula maravilhosa. Quando terminou e eu estava para sair, ele falou:

— Esqueci-me de avisar. Antes de ir para casa terá que dar-me outra nova idéia.

Ai, pensei, jamais irei para casa, pois não tinha nenhuma, e então ele

Discurso proferido na 141.ª Conferência Geral Semi Anual

prosseguiu:

— Agora escute com todo cuidado que eu vou ensinar-lhe uma que nunca esquecerá. “Ó, que teia funesta nos pomos a urdir, assim que começamos a mentir.”

De fato, jamais a esqueci.

Passada outra semana, tivemos experiência semelhante. Eu ainda não tinha nada para apresentar. Ele então disse:

— Ouça com muita atenção. “Certa vizinha não pára de falar, chamando ao dever, precavendo contra a falta. E o mais estranho — não se deixa calar; embora seja muda, não existe voz mais alta.”

Esta também nunca esqueci.

Na hora de ir para casa, vi que ele não me deixaria partir sem que eu citasse alguma. Quando não consegui, ele falou:

— Escute bem: “A velha coruja sentada no ninho, sábia, vivida, poupava o falar. Quanto mais calada, mais aprendia; por que não tentas a coruja imitar?”

Desde então tenho refletido bastante sobre isto. Mais uma semana e mais outro grande pensamento. “O exemplo é fonte de um raio genial, que aos homens podes emprestar. Por isto, cuida de emendar-te hoje, para que transformes teus amigos amanhã.” E também este conceito nunca esqueci.

O tempo não permitiria citar uma porção mais. Dois anos mais tarde encontrava-me nas Forças Armadas de nosso país, na Ilha de Okinawa. E ali recebi uma carta da sra. Stewart, na qual me dava a triste notícia do passamento de meu bondoso amigo e supervisor, anexando uma

carta inacabada do Irmão Stewart dirigida a mim, que dizia: “Caro Paul, tenho pensado muito em você nessa terra distante, desencorajado, estou certo, e um tantinho deprimido; e para animá-lo um pouco, incluí mais algumas jóias do pensamento.” Havia vinte e cinco, e também estas jamais esqueci.

Graças a Deus pela gente que se importa, pelos Frames e Stewarts. Desde então contei pelos dedos cinco desses mestres que me influenciaram para o bem. Concordo com o Élder Hanks; deveria haver um irmão Frame na vida de todo rapaz.

O que é um mestre? O mestre é um profeta. Lança os alicerces do amanhã.

O mestre é um artista. Trabalha com a preciosa argila da personalidade desabrochante.

O mestre é um amigo. Seu coração corresponde à fé e devoção de seus alunos.

O mestre é um cidadão. É escolhido e licenciado para o benefício da sociedade.

O mestre é um intérprete. Com sua maturidade e vivência procura guiar a juventude.

O mestre é um arquiteto. Trabalha com os mais elevados e refinados valores da civilização.

O mestre é um agente cultural, indicando o caminho para gostos mais apurados, atitudes mais sãs, maneiras mais graciosas, inteligência mais refinada.

O mestre é um projetista. Encara aquelas vidas jovens diante de si como parte de um grande todo que irá crescer e fortalecer-se em luz e verdade.

O mestre é um pioneiro, sempre explicando e tentando o impossível, e geralmente saindo vitorioso.

O mestre é um reformador. Tenta minorar os impecilhos que debilitam e destroem a vida.

O mestre é um crente. Tem uma fé inabalável em Deus e na perfectibilidade da raça humana. Foi James Truslow Adams quem disse: “Existem obviamente duas educações. Uma deveria ensinar-nos como ganhar a vida e a outra como viver.”

Nós nos propomos a ensinar ao povo como viver.

Elbert Hubbard afirma: “Vós não podeis ensinar coisa alguma a ninguém. Apenas podeis ajudá-lo a se encontrar.”

Este era o dom do Salvador. Ensinou-nos princípios divinos aplicáveis à nossa própria pessoa, para assim resolvermos nossos problemas pessoais. Como mestre, o Salvador não tinha igual.

Por um momento apenas, permitam-me levá-los a percorrer o capítulo quinze de Lucas no qual o Mestre dos mestres nos diz como solucionar os problemas que todos enfrentamos. Lucas conta que aproximou-se dele uma grande multidão — publicanos, pecadores, fariseus, saduceus — e ele lhes propôs esta parábola, dizendo: “Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa... as noventa e nove e não vai após a perdida até que venha a achá-la?”

Depois fala do regozijo quando a ovelha é encontrada. Em seguida, sem mesmo uma pausa, passa para uma segunda parábola semelhante, que diz: “Ou qual a mulher que,

tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a candeia, e varre a casa, e busca com diligência até a achar?" E ela também se alegra com as vizinhas. (Lucas 15:4,8)

E a seguir passa para a parábola das parábolas, a do filho pródigo: "Um certo homem tinha dois filhos; e o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence." E vemos como com seu arbítrio esbanjou toda a sua fortuna. (Ver Lucas 15:11-32)

Como pretensio mestre, eu costumava sentir-me intrigado por que o Salvador teria gasto tempo contando três parábolas sobre coisas que se perdem. Afinal um dia comecei a perceber. As pessoas se perdem de várias maneiras, e aqui, neste importante capítulo de Lucas, o Salvador nos ensina como recuperá-las.

Permitam-me uma observação: O Salvador, se fosse ensinar essa parábola novamente hoje em dia, provavelmente diria que a ovelha (ou as pessoas que se perdem) não são basicamente pecadoras por natureza ou mesmo por querer, mas elas, como a ovelha, ficam confusas quanto ao que é importante. Em outras palavras, seus valores estão deslocados. Estou certo de que o Salvador diria ao mestre na classe e ao supervisor: "Se quereis recuperar tal pessoa, dai-lhe um valor mais elevado em troca dos que tem agora." Família, serviço, fraternidade, são pastagens mais verdes para as ovelhas de hoje. E atraindo-as para elas, encontrarão o caminho de casa.

Em seguida ele fala de moedas perdidas. Esta conferência inteira

tratou de moedas preciosas que se perdem — ou gente jovem, como quiserem. E existem entre nós aqueles que, sendo agentes responsáveis, deixam essas gemas preciosas escapar por entre os dedos, à semelhança da mulher da grande parábola. Certamente não seria possível recuperar a coisa perdida como faríamos com a ovelha. Ele haveria de sugerir amor, carinho e atenção como processo adequado para reencontrar moedas (ou pessoas) perdidas.

E depois, a inigualável parábola do filho pródigo, na qual o Salvador fala daqueles que se perdem voluntariamente; e no final, diz ele: "E tornando em si, (o filho pródigo) disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão..." (Lucas 15:17)

Há quem se perca porque seu livre-arbítrio o impele a desviar-se. De certa maneira não podemos fazer grande coisa para recuperar tais pessoas, exceto abrir nossos braços e as portas da Igreja e fazê-las saber que estamos à sua espera. Aqui os mestres e supervisores são muito necessários. Notem, porém: Ele próprio caiu em si. Arrependeu-se, pediu perdão e voltou para casa. Muita gente se parece com o filho pródigo.

Apenas para concluir, quero dizer que este é um Evangelho **positivo**. Deveríamos ser o povo mais feliz do mundo. O Evangelho de Jesus Cristo é uma vigorosa força dinâmica. Ensina o povo a ser feliz e estar sempre sorridente. Contudo, às vezes, negligenciamos as coisas simples, mas de tanta importância. A maioria do povo, na precipitação da vida mo-

derna, ignora o que seja verdadeira amizade e o calor proporcionado pelo Evangelho ou mesmo um simples sorriso.

Recentemente, andando pela rua em companhia de um conhecido, este comentou ao ver um sujeito de cara azeda: "Esse parece que foi desmamado a custo de limão e pepino em vinagre."

Conta-se também o caso da mãe e filha pequena que ouviam um orador público e a menina perguntou à mãe: "Aquele homem não é feliz?" A mãe replicou: "Acho que é!" "Então porque ele não avisa o rosto?", comentou a menina.

Creio que o Pai Celestial ficaria muito desapontado se visse a expressão de alguns de nós, que têm tudo o que o mundo pode oferecer e deixam de incorporá-lo à sua vida e compartilhá-lo com outros. O sentimento e propósito do Evangelho de Jesus Cristo é, a meu ver, trazer alegria e felicidade, paz e contentamento.

Todos nós temos problemas. O mundo está saturado de problemas. E, no entanto, a solução para os problemas que enfrentamos está aqui nestas palavras sagradas, nestas obras-padrão. Encorajemos o mundo a conhecer a palavra de Deus.

No Novo Testamento existem mais quarenta e três parábolas que nos ensinam a ajudar as pessoas. Buscai as Escrituras, pois nelas encontrareis o caminho para a vida eterna.

Assim é o Evangelho de Jesus Cristo, e ele funciona, do que presto solene testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

As respostas visam esclarecer e dar perspectiva; não são pronunciamentos doutrinários da Igreja.

P & R

“Qual deve ser nossa atitude no tocante a signos do zodíaco, astrologia e horóscopos?”



Basicamente idêntica à tomada diante da quiromancia, cartomancia, bola-de-cristal, adivinhos. Falando claramente, qualquer crença nessas coisas é pura superstição.

Sob o aspecto histórico, surgiu um problema de discriminação ligado à incapacidade de algumas pessoas, sensatas em outros pontos, de fazer distinção entre a astronomia como ciência autêntica e a astrologia que é uma fraude ou pseudo-ciência. Isto é ainda mais complicado pelo fato de que a ciência possivelmente tenha-se originado da superstição. Isto é, a crença na teoria de que os astros influenciam a vida humana, pode ter sido a motivação da pesquisa séria dos corpos celestes pelos que, eventualmente, lançaram os fundamentos para o primitivo conhecimento de astronomia.

Nos tempos da Idade Média, astrologia e astronomia eram muitas vezes tidas como uma só coisa, além de intimamente associadas à alquimia, magia e outras práticas ocultistas. Entretanto, a partir da época de Copérnico, por volta do século XVI, deu-se a divisão entre elas, sendo que até aproximadamente uma década atrás, parecia que a ciência moderna houvesse destruído totalmente a influência astrológica. Nos últimos anos, para grande consternação dos cientistas e teólogos racionais, igualmente, deu-se um grande revivescimento dessa fraude, consistente com a generalizada irracionalidade de nosso tempo.

O astrólogo, usando um quadro do zodíaco e determinando o signo ascendente na hora do nascimento, traça um mapa dos astros. Isto é o horóscopo que supostamente determina o temperamento, risco de acidente, sorte, sucesso, desastre e até mesmo suscetibilidade a certas doenças, da pessoa.

A razão nos diz que Deus, o qual reconheceu o livre-arbítrio como condição básica da natureza humana e deu ao homem liberdade de manifestá-lo, não deixaria que seu destino fosse tolhido e governado por afinidades e movimentos de corpos astrais. Não existe nenhum meio racional de se, estabelecer qualquer relação direta de causa e efeito entre o caráter e personalidade dos seres humanos e fenômenos astronômicos, exceto as reações ao clima ou condição ambiental em geral.

Diversos povos importantes da antiguidade acreditavam nesse mito e o perpetuaram por séculos, dando-lhe mais destaque do que merecia. Mesmo os magos, sacerdotes persas da religião zoroástica, que chegaram à Palestina na época do nascimento de Jesus, com o intuito de observar mais de perto o aparecimento pré-calculado de um astro incomum, acreditavam na astrologia. Não obstante, as Escrituras não afirmam a validade dela; apenas esclarecem que tal era a crença deles. A tradição judaico-cristã, na verdade, desde os tempos antigos até o presente sempre repudiou tais práticas.

Moisés foi inspirado a instruir o povo quanto à vontade do Senhor nessas questões como segue:

"Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro;

"Nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos;

"Pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor..." (Deut. 18:10-12)

De maneira semelhante o Profeta Isaías condenou tais práticas em seu tempo, anunciando que astrólogos, agoureiros, prognosticadores não conseguiram "salvar a sua vida do poder da labareda". (Isaías 47:13-14)

A média de acertos dos chamados astrólogos, adivinhos, vaticinadores e que tais, não é superior ao que permitiria a lei de probabilidades. Daniel e seus companheiros apresentaram resultado muito superior valendo-se da influência do Espírito do Senhor.

"E em toda a matéria de sabedoria e de inteligência, sobre que o rei lhes fez perguntas, os achou dez vezes mais doutos do que os magos ou astrólogos que havia em todo o seu reino." (Daniel 1:20)

É interessante notar que os astrólogos são considerados indignos de confiança também em outros pontos das Escrituras, inclusive pelo menos três vezes só no Livro de Daniel.

Nossas atitudes devem fundamentar-se racional bem como espiritualmente, não se deixando influenciar por superstições e mitos.

A. But Horsley
Diretor de Aperfeiçoamento Didático
Ala V da Estaca de Provo
Professor de Filosofia e Religião
Universidade de Brigham Young.

2



"Quem fica em melhor situação, a pessoa que se rebela e depois se arrepende, ou a que jamais se rebelou?"

Eis uma pergunta interessante. Quase todos nós já vimos indivíduos que caíram bastante, passando seus dias em vida desregrada como o filho pródigo, e que depois retornaram ao rebanho, penitentes, sofridos, humilhados, compassivos, profundamente devotados ao Evangelho. Uma dessas pessoas disse-me certa ocasião: "Há somente dois princípios do Evangelho realmente importantes: arrependimento e perdão."

Por mais que me alegre ver uma pessoa "cair em si" e abandonar os caminhos fúteis ou maléficos, passando a viver uma vida honesta, e embora acredite que o crente que se volta a Cristo em sincero arrependimento seja **plenamente** perdoado, ainda assim acredito ser preferível procurar viver retamente em lugar de ceder às fraquezas e ter que lutar para regenerar-se. Eis minhas razões:

1. Jamais conheci uma pessoa verdadeiramente arrependida que se sentisse contente com seus pecados. Eles nunca são uma lembrança agradável, e as lembranças são parte da matéria que compõe a vida. Não me alegro com minhas próprias fraquezas e faltas, não importa se as tenha superado ou continuem atormentando-me.

2. Quando alguém se rebela contra Deus e suas leis, encontra-se em desarmonia com as leis da vida e do universo. O arrependimento restaura a harmonia, mas não repara necessariamente os danos que se tenha infligido a si próprio ou aos semelhantes. O motorista embriagado que destrói uma vida, não pode restituí-la. O marido infiel geralmente causa dano irreparável à sua esposa e filhos.

3. A vida é um dom precioso. Quando é desperdiçada em coisas fúteis, levianas ou malignas, coisas boas deixam de ser realizadas, talentos continuam adormecidos, a mente não se desenvolve, não se presta serviço algum. A vida é por demais curta e preciosa para esbanjarmos nosso tempo.

4. Às vezes a vida do penitente parece tão bela que a gente é tentada a justificar sua fraqueza ou desejo de poder ser um herói arrependido. O perigo é que ninguém conhece sua força ou como vai sentir-se em outro tipo de vida. É bem possível que se perca a vontade de arrepender-se depois de envolvido nos prazeres passageiros da vida mundana.

5. O fato é que todos os homens são pecadores. As Escrituras o testificam e a experiência o comprova. A única vida isenta de pecado conhecida entre os homens foi a do Salvador. Terá sua vida sofrido em virtude de sua força e pureza?

O resto de nós conhecerá fraquezas e pecados sem sair em busca deles. Na verdade, a despeito de todo nosso esforço, haverá fracassos e atos pecaminosos de omissão e comissão. Existe um provérbio que afirma que, somando-se os pecados dos homens, o resultado é sempre o mesmo. Em outras palavras, todos nós temos mais do que o suficiente para nos arrepender. Todos nós temos motivos para conhecer a alegria do arrependimento e do perdão, e de experimentar a compaixão e o amor do nosso Pai Celestial.

Lowell L. Bennion
Reitor
Universidade de Utah



“Quem, na Igreja, estabelece os padrões do vestuário?”



Devido ao desejo de acompanhar a moda e ao mesmo tempo respeitar e cumprir o que se espera deles como membros da Igreja, os jovens de toda parte se preocupam com os padrões do vestuário. E por isso a freqüência da questão: Quem determina os padrões na Igreja? Uma das auxiliares? Um comitê? O corpo docente de uma escola? A resposta é — nenhum deles. É verdade que uma organização pode determinar certos padrões ou restrições para os participantes de seus programas ou atividades, e o conselho-diretor dos estabelecimentos de ensino da Igreja estipula regulamentos e padrões para os alunos. Esses padrões e regulamentos são determinados pela liderança do respectivo grupo, em termos do que consideram o mais conveniente para a maioria dos atingidos, mas não se

aplicam necessariamente aos membros da Igreja em outras áreas ou condições. Portanto, não podem ser tidos como regulamentos ou padrões de âmbito geral na Igreja.

Convenhamos, então, que é o presidente da Igreja, ou as Autoridades Gerais, ou parte delas, que estabelecem os padrões de âmbito geral na Igreja?

Desde o início, os membros da Igreja vêm sendo aconselhados pelos profetas e líderes a evitar tudo o que não seja modesto e de bom gosto, e a ser “o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza.” (I Timóteo 4:12) Já em 1869 Brigham Young reuniu a família para organizá-la numa sociedade para a “promoção dos hábitos de ordem, frugalidade, diligência e caridade; e acima de tudo, evitar a extravagância no vestir, no comer e mesmo no falar.” (*History of the YWMIA*, p.1)

Nossos atuais líderes estão profundamente empenhados em nos ensinar padrões corretos de vestuário e de conduta, com mais ênfase no espírito que na letra da lei.

Mesmo que os nossos líderes pretendessem ditar padrões específicos de vestuário para os membros de toda a parte, seria muito difícil, se não impossível, devido ao âmbito mundial da Igreja e as variações de costumes entre as diversas culturas e de geração para geração. Por isso preferem destacar e relembrar consistente e vigorosamente os padrões e princípios estabelecidos pelo Senhor como diretrizes para admissão em seu reino.

Entre eles os mais importantes são os referentes à pureza de pensamento e ação. Uma vez que a modestia é elemento essencial da pureza e, na questão do vestir, é interpretada como trajar o corpo adequadamente e com bom gosto, os padrões do vestir tornam-se ponto de preocupação para a juventude, os pais e os líderes da Igreja.

Nesta questão de modéstia, como em outros conceitos, o Senhor procura ensinar-nos por meio de princípios em lugar de dar especificações exatas que infringiriam o nosso livre-arbítrio. O principal encargo dos líderes da Igreja é ajudar-nos a entender e interpretar tais princípios e a fazer escolhas acertadas.

Em seu livro **Juventude e a Igreja**, o Presidente Harold B. Lee diz o seguinte:

“E assim acontece em muitas situações com que vocês se defrontam. O julgamento de se uma coisa é certa ou errada, tem que ficar a cargo de nossa consciência mais o discernimento proveniente do conhecimento e experiência. Em todas essas questões, a Igreja poderá, na melhor das hipóteses, ensinar-lhes os princípios corretos e vocês precisam aprender a governar a si mesmos.”

Assim, voltando a pergunta: Quem na Igreja, estabelece os padrões do vestuário?

Resposta: O Senhor nos dá princípios e diretrizes. Os líderes da Igreja procuram ajudar-nos a entender e seguir esses princípios. Valendo-nos do divino dom do livre-arbítrio, fazemos a escolha baseados em nossa fé e entendimento, e estabelecemos nossos próprios padrões pessoais como membros de sua Igreja, cômicos de nossa responsabilidade perante ele e os outros que possamos influenciar.

Carol H. Cannon
Secretária do Comitê Executivo de
Correlação da Igreja, e membro da
Junta Geral da AMM-Moças.

4

“Quais são os requisitos de preparação para a bênção patriarcal?”



Acima de tudo o mais, ter fé no Senhor Jesus Cristo, no plano de salvação e na missão que nos foi dada a cumprir, bem como plena atividade e filiação na Igreja, e obediência a todas as leis da Igreja. Toda pessoa desejosa de ser tida como um santo dos últimos dias deseja que um patriarca lhe diga o que o Senhor quer dela. Talvez também deseje saber o que o Senhor poderá dar-lhe de acordo com sua fidelidade ou então, o que pode esperar do Senhor.

Talvez a melhor explicação seja um exemplo. Certa moça muito promissora queria saber o que o Senhor esperava dela. Era um dos elementos atuantes na AMM e um tanto quanto autocrática. Empreendeu uma viagem de mais de novecentos quilômetros unicamente

para receber sua bênção patriarcal e inteirar-se da vontade do Senhor. Visto que a bênção tinha que ser traduzida para o francês, foi obrigada a esperar mais tempo por ela. Ficou impaciente e escreveu-me pedindo que lhe dissesse qual a mensagem especial da sua bênção. Em vista disso consolei-a com a resposta que a mensagem especial era paciência. Depois de receber a tradução, escreveu-me outra vez dizendo que não conseguia descobrir a mensagem **especial** na sua bênção. Assim tive que responder-lhe que lesse a bênção cuidadosamente mais uma vez e encontraria algumas coisas que, se as seguisse, chamariam a atenção de alguém que lhe diria o que fazer. Dois anos mais tarde ela informava-me que estava a caminho do templo para receber seus “endowments” (investiduras), que havia sido chamada para fazer missão na Escócia e que gostaria de falar comigo antes de partir para lá. No meio tempo fora responsável por diversos batismos, seus pais freqüentavam as reuniões, a mãe procurava manter a Palavra de Sabedoria, e sua irmã se batizara.

Sua bênção continha algo de especial? Sua paciência foi recompensada? Certamente que sim. E isto foi apenas o início de uma longa vida de sucesso. Como e para que a gente deve-se preparar? Nós não nos devemos preparar para alguma coisa somente porque que outros a receberam. O Senhor espera de nós o que vemos no exemplo de Natanel (João 1:45-47) a par da da vontade de fazer tudo o que seja esperado para o cumprimento da bênção dada, evitando tudo o que possa diminuí-la.

Os santos são chamados o povo escolhido. A Igreja restaurada de Jesus Cristo e os poderes recebidos através do Sacerdócio, ao qual pertence a bênção patriarcal, impõem-nos uma grande responsabilidade. Somos aqueles que deveríamos indagar do Senhor o que ele espera de nós. Somos aqueles que deveríamos salvar Israel, construir templos, fazer o trabalho missionário, preparar-nos para o retorno do Salvador e estar sob as bênçãos paternas.

Recomendo que ninguém deixe de ler a epístola de Paulo aos romanos, dando particular atenção às mensagens contidas nos capítulos de nove a onze. Ali somos instruídos sobre a soberania de Deus sobre todos os povos e suas promessas à casa de Israel e aos gentios. Após a leitura dessa epístola entende-se melhor a parábola da bodas do filho do rei encontrada em Mateus 22:1-14. A leitura e compreensão dessas Escrituras auxiliam a preparação para a bênção patriarcal. Além disso, convém que se converse com o bispo ou presidente do ramo. Ele será capaz de ajudar-nos na preparação mental e espiritual para a bênção, bem como esclarecer o que mais é requerido.

Carl Ringger
Patriarca da Estaca Suíça.

John Taylor O Destemido

Leon Hartshorn

Muitos já leram ou ouviram contar como a vida de John Taylor foi salva por ocasião do martírio de Joseph e Hyrum Smith na prisão de Carthage pelo fato de a bala ter atingido milagrosamente o relógio dele, ou como Hyrum pediu-lhe que cantasse o hino "Um Pobre e Aflito Viajor" pouco antes daquela hora trágica.

Mas, provavelmente pouca gente tenha uma visão clara a respeito dele como pessoa — seu imenso sucesso como jornalista para a Igreja e marca pessoal de intrepidez e fé cândida demonstrados em tudo o que fazia.

Talvez a melhor forma de descrever sua personalidade seja através de dois apelidos afetuosos que lhe foram dados já no início de sua carreira na Igreja: "Defensor da Fé" e "Paladino da Liberdade".

De que é feito um homem que se põe diante de uma multidão hostil e a convida abertamente a atacá-lo? E no entanto, paradoxalmente, tem um coração tão empático e sensível que muitas vezes resolvia desentendimentos sem uma única palavra?

Como tanta coisa na vida, tais características começam a desenvolver-se na primeira juventude por nossas atitudes para com o Senhor e seu Evangelho.

Disse o Presidente Taylor: "Lembro-me de minha infância. Já bem cedo na vida aprendi a recorrer a Deus. Muitas e muitas vezes eu ia ao campo e, escondendo-me atrás de algum arbusto, curvava-me diante do Senhor rogando que me guiasse e dirigisse. E ele ouvia minha oração. As vezes eu levava outros garotos comigo. E não vos faria mal algum... orar ao Senhor em vossos lugares secretos, como eu fiz."

Aos quinze anos uniu-se aos metodistas em sua cidade natal Milnthorpe, Inglaterra, não demorando ser designado pregador local.

Então, dois anos após seus pais terem emigrado para o Canadá, ele declarou: "Sinto-me fortemente im-

pelido a ir para a América a fim de pregar o Evangelho." Foi para Toronto, Canadá, onde conheceu e desposou sua mulher e se dedicou aos ofícios que aprendera — tanoeiro e entalhador de madeira.

Foi lá em Toronto que John Taylor travou conhecimento com o Evangelho restaurado, em circunstâncias pouco comuns. Parley P. Pratt havia sido mandado para lá por revelação



Relógio de John Taylor que aparou a bala que provavelmente ter-lhe-ia tirado a vida na prisão de Carthage quando Joseph e Hyrum Smith foram martirizados.



Gravura do Presidente Taylor ainda moço.

(O Élder Heber C. Kimball também profetizara: "...e das coisas resultantes desta missão, a plenitude do Evangelho se estenderá até a Inglaterra".) Um estranho em Hamilton, Canadá, dera-lhe uma carta de apresentação para John Taylor em Toronto, mas ao procurá-lo encontrou uma acolhida cortês porém não exatamente cordial. Assim, depois de apresentar sua mensagem a alguns ministros da cidade, o Élder Pratt preparou-se para partir. Valise na mão, estava-se despedindo de John Taylor quando chegou uma vizinha que ofereceu-lhe sua casa para local de pregação, além de hospedagem. Essa vizinha fazia parte de um grupo de estudos organizado pelos Taylor. Dias depois John Taylor ouviu a pregação do Élder Pratt e eis sua reação:

"Estamos aqui, ostensivamente, em busca da verdade. Até agora temos investigado minuciosamente outros credos e doutrinas, provando sua falsidade. Por que haveríamos de temer a investigação do mormonismo? Este cavalheiro, Sr. Pratt, trouxe-nos muitas doutrinas que correspondem aos nossos próprios pontos de vista... Temos orado a Deus que nos enviasse um mensageiro, se houvesse uma Igreja verdadeira na terra... Desejo investigar suas doutrinas e pretensões de autoridade, e ficaria muito satisfeito se alguns de meus amigos me acompanhassem nesta investigação. Porém, se ninguém quiser acompanhar-me, asseguro que investigarei sozinho. Se eu a achar verdadeira, aceitarei sua religião, a despeito das possíveis conseqüências; mas se for falsa, hei de desmascará-la."

Ele seguiu o Élder Pratt em suas andanças e **anotou oito sermões** por ele proferidos, comparando-os depois em particular com as Escrituras. "Durante três semanas dediquei-me inteiramente à tarefa de seguir o Irmão Pratt por onde quer que fosse." Pouco tempo depois ele e sua mulher se filiaram à Igreja.

Dois anos mais tarde, depois de



Primeira Presidência em 1880.
O Presidente Taylor
em companhia de seus
conselheiros Joseph F. Smith
e George Q. Cannon.



Um retrato
raro do
Presidente
Taylor.

ter convertido muitos amigos e vizinhos em Toronto e ter-se mudado para junto dos santos em Kirtland, foi ordenado ao apostolado poucos dias após seu trigésimo aniversário. Seis anos depois foi nomeado editor do periódico **Times and Seasons**, o jornal da Igreja em Nauvoo. Nos anos que se seguiram, editou e produziu muitos jornais, livretos e folhetos, obtendo ainda considerável fama como eloqüente orador que impressionava os ouvintes mais pela lógica do que a pura emoção.

Dizia o Presidente Young com referência aos dons do Élder Taylor: "Com respeito ao Irmão John Taylor, quero dizer que tem um dos maiores intelectos existentes; é um homem poderoso, é um homem magnífico, e poderíamos dizer que é um poderoso editor, mas usarei um termo mais do meu agrado, dizendo que é um dos maiores editores que já viveu. . ."

Oportunamente, o Élder Taylor ajudou a levar o Evangelho às Ilhas Britânicas. Entre outros lugares, deu início à pregação na Ilha de Man, na Irlanda e em Liverpool. Depois levou a mensagem do Evangelho à França, bem como a muitos outros lugares, além de colaborar na migração dos santos após o martírio do Profeta. No Oeste teve grande destaque em assuntos cívicos e na direção dos negócios da Igreja.

Mas o homem em si — como teria sido? O incidente a seguir serve para caracterizá-lo. O Élder Taylor chegara para falar a um grupo de santos perto de Columbus, em Ohio. Pouco antes da hora marcada foi informado por alguns santos que a maioria do povo da cidade planejava comparecer ao local de reunião ao ar livre para ouvi-lo falar e muitos esperavam vê-lo coberto de alcatrão e penas. Aconselharam-no a não ir lá. Após um momento de reflexão

Datas marcantes na vida de John Taylor

(1808-1887)

1.º Nov.	Idade	
1808	—	Nasc. em Milnthorpe, Inglaterra.
1822	14	Trabalha como tanoeiro, mais tarde como entalhador.
1824	16	Filia-se aos metodistas.
1832	25	Emigra para o Canadá.
1836	28	É batizado; é encarregado da Igreja no Canadá.
1838	30	Ordenado apóstolo.
1839-40	31-33	Primeira missão na Grã-Bretanha.
1842-46	34-38	Editor, <i>Times and Seasons</i> .
1846-47	38-39	Segunda missão na Grã-Bretanha.
1849-52	41-44	Missão na França e Alemanha.
1855-57	47-49	Preside Missão Estados do Leste.
1857-76	49-68	Membro do Legislativo Territorial de Utah.
1877	69	Torna-se líder da Igreja como Presidente do Conselho dos Doze.
1880	72	Apoiado Presidente da Igreja.
25 julho		
1887	78	Falece.

ele decidiu que iria e que se os amigos preferissem não acompanhá-lo, iria sozinho.

Chegando lá, iniciou dizendo aos ouvintes que acabava de chegar do Canadá — um país governado sob regime monárquico: "Cavalheiros, agora encontro-me entre homens cujos pais lutaram pela obtenção das maiores bênçãos jamais conferidas à família humana — o direito de pensar, falar, escrever; o direito de determinar quem irá governá-los, e o direito de adorar a Deus segundo os ditames da própria consciência... Aqui em torno de mim vejo os filhos daqueles nobres antepassados que, para não se curvarem às injunções de um tirano, empenharam sua vida, fortuna e sagrada honra no rompimento desses grilhões..."

"Eles lutaram nobremente e nobremente as conquistaram; e agora o barrete frígio encima os mastros da liberdade erguidos pelo país afora, e tremula a bandeira da liberdade... Não só isso, mas vossas naves — acima de tudo no mundo — singram os oceanos, mares e baías, visitando todas as nações, e por toda a parte que vão, a vossa

bandeira, tremulando ao vento, acende uma esperança entre os milhões de oprimidos de que, se porventura não puderem conquistar liberdade em sua própria terra, encontrá-la-ão convosco... Cavalheiros, entre vós liberdade é mais que uma palavra; está incorporada em vosso sistema; é proclamada por vossos senadores; trovejada por vossos canhões; balbuciada por vossos infantes; ensinada aos vossos escolares... Nessas circunstâncias, seria de admirar, senhores, que eu — recém-emergido de um governo monárquico — experimente estranhas sensações ao levantar-me para vos dirigir a palavra?

"Porém, incidentemente, fui informado da vossa intenção de cobrir-me de alcatrão e penas por causa de minhas opiniões religiosas. Foi este o privilégio que herdastes de vossos pais? Foi esta a bênção que pagaram com o sangue de seus entes queridos — esta a vossa liberdade? Se assim for, tendes aqui uma vítima, e teremos um holocausto à deusa da liberdade." Nesse ponto abriu violentamente o colete, dizendo: "Cavalheiros, aproximai-vos com vosso alcatrão e penas, a vossa vítima está

pronta; e vós espectros dos veneráveis patriotas, contemplai os feitos de vossa prole degenerada! Avante, cavalheiros! Vamos com isso, eu já disse, estou pronto!" Ninguém se moveu. Ninguém disse nada. Ele continuava ali de pé, aprumado em toda a sua majestosa estatura de mais de um metro e oitenta, calmo e desafiador. Ninguém se mexeu.

Após uns momentos continuou a pregar por três horas! No final, líderes da comunidade o procuraram expressando sua indignação pelas intenções infelizes de alguns de seus concidadãos.

Sua fé intrépida e ousada é revelada em outro incidente. Ele havia sido chamado para cumprir uma missão na Inglaterra. Após uma árdua viagem desde Far West, o Élder Taylor chegou a Nova York tendo somente um centavo no bolso. Como seria o último homem a alegar falta de meios, quando lhe perguntaram se tinha dinheiro ele disse que sim. Assim, no dia seguinte Parley P. Pratt (o homem que o batizara) o abordou:

"Irmão Taylor, consta que o senhor tem bastante dinheiro?"

"Sim, Irmão Pratt, é verdade."

"Bem," prosseguiu o Élder Pratt, "estou para publicar minha 'Voz de Advertência' e 'Poemas Milenais'; estou muito necessitado de dinheiro e se me pudesse fornecer duzentos ou trezentos dólares ficaria muito obrigado."

"Bem, Irmão Pratt, tudo o que posuo está à sua disposição, se lhe servir de alguma coisa." E com isto meteu a mão no bolso e deu a moedinha ao Élder Pratt. Este riu gostosamente e depois falou:

"Pensei ter dito que dispunha de bastante dinheiro."

"E disse mesmo," replicou o Élder Taylor. "Estou bem agasalhado, o

senhor me fornece bastante para comer e beber e bom alojamento;

com tudo isso, sem nada dever e ainda um centavo de sobra, não é ter bastante?"



Residência do Presidente Taylor em Kaysville, Utah, onde faleceu a 25 de julho de 1887, enquanto no exílio.

Naquela mesma noite, numa reunião de conselho de alguns irmãos que se preparavam para partir para a Inglaterra, o Élder Pratt propôs que contribuíssem para pagar a passagem do Élder Taylor, desde que Wilford Woodruff esperava que o Élder Taylor partisse com ele. No final da reunião, o Élder Taylor objetou dizendo que se quisessem contribuir com algum dinheiro que o dessem a Parley Pratt, visto que tinha família para sustentar e necessitava de meios para as publicações. Wilford Woodruff, homem de profunda fé também, lastimou essa sua posição, ao que ele então respondeu:

"Pois bem, irmão Woodruff, se achar melhor que eu vá, eu o acompanharei."

"Mas onde irá arranjar dinheiro?"

"Ora, não haverá problemas quanto a isto. Pode reservar mais uma passagem no seu navio que eu lhe trarei o dinheiro."

O Élder Woodruff obedeceu — e então o Élder Taylor começou a receber doações voluntárias, não solicitadas, de várias pessoas movidas pelo Espírito do Senhor, somando o bastante não apenas para a sua passagem como para a de mais outro



Nota inspirada assinada pelo Presidente Taylor como lembrete: "Deus apoiará Israel. Nenhum poder poderá fazer-nos mal enquanto fizermos o que é certo."



A dignidade natural e porte impressionante do Presidente Taylor são revelados nesta fotografia tirada durante sua presidência.

Oculos do Presidente.

missionário.

Genuína, intrépida coragem e audácia — na escrita, na palavra, nos feitos!

Mas por muito tempo a compreensão e amor ao próximo do Presidente Taylor não foram trazidos a público. Certa vez, enquanto presidia o Conselho dos Doze, depois dos santos já estarem em Utah, dois velhos e fiéis irmãos o procuraram a respeito de um grave desentendimento. Haviam resolvido aceitar a decisão do irmão Taylor, fosse qual fosse. Assim, pediram-lhe que escutasse o caso deles. Ele então respondeu:

"Irmãos, antes de ouvir o seu caso, gostaria muito de cantar-lhes um dos cantos de Sião." Sendo cantor excepcional, o Presidente Taylor então cantou-lhes um hino. Reparando no efeito, observou que, como nunca cantava só um dos hinos de Sião, gostaria de cantar mais outro. Assim, os dois irmãos consentiram em ouvir um segundo hino. Acabado este, o Presidente Taylor comentou

que ouvira dizer que os números ímpares traziam sorte, e por isso, se permitissem, cantaria mais um terceiro. Em seguida disse:

"Pois bem, irmãos, não quero cansá-los, mas se me desculparem e escutarem mais um, prometo parar de cantar e ouvir o seu caso." Ao terminar o quarto hino os dois irmãos choravam de tão comovidos; levantaram-se, trocaram um aperto de mãos e pediram desculpas ao Presidente Taylor por terem-no incomodado. Seu canto havia reconciliado os sentimentos dos dois.

Noutra ocasião surgiu certa dificuldade entre os membros de um ramo. "Eu a considerava coisa de pequenos. Uma vez todos congregados, abri a reunião com uma oração e em seguida pedi a diversos presentes que orassem; eles assim fizeram e o Espírito de Deus estava sobre nós. Pude perceber que havia um sentimento bom no coração dos que tinham vindo apresentar suas queixas,

e mandei que apresentassem o caso. Eles porém, disseram que nada tinham a apresentar. Os sentimentos e o espírito de que haviam estado possuídos não mais existiam; o Espírito de Deus os tinha obliterado de seus corações, e sabiam que deviam perdoar uns aos outros."

Assim era John Taylor! Com a morte de Brigham Young em 1877, John Taylor assumiu a liderança da Igreja até seu próprio falecimento em 1887.

Ironicamente, embora proclamado paladino da liberdade, passou grande parte da sua gestão dirigindo a Igreja do exílio, em virtude da intensa perseguição civil do governo norte-americano contra os santos por causa de sua doutrina do casamento plural. Em decorrência, foi durante a sua gestão que grandes grupos de santos emigraram para o México e o Canadá.

Em certo ponto dessa perseguição, ele falou: "No que me toca, digo que aconteça como Deus quiser. Eu não desejo provações; não desejo aflições; pediria a Deus que não me deixe cair em tentação... mas, se bremem os terremotos, coruscem os relâmpagos, rugem os trovões e as forças das trevas estão à solta, e ao espírito do mal é permitido atacar e uma influência maligna paira sobre os santos, pondo à prova a minha vida e a deles — que venham... Estou pronto a consentir e empenhar toda a minha força, seja para o que for. Se for para a paz, que seja paz; se for para lutar, que seja para combater."

Não tivesse ele espírito tão corajoso naqueles tempos difíceis, muitos dos santos poderiam ter-se deixado dobrar. Ele foi um óbvio exemplo da verdade de que a coragem é contagiosa. E assim é também na sua vida e na vida daqueles que vo-cês influenciam.

